



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ÉRICA DA SILVA BORGES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANÁLISE DO ENSINO DE
GEOGRAFIA NA ESCOLA PRESIDENTE JOSÉ SARNEY, LOCALIZADA NO
MUNICÍPIO DE CACIMBA DE DENTRO/PB**

**GUARABIRA/PB
2019**

ÉRICA DA SILVA BORGES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANÁLISE DO ENSINO DE
GEOGRAFIA NA ESCOLA PRESIDENTE JOSÉ SARNEY, LOCALIZADA NO
MUNICÍPIO DE CACIMBA DE DENTRO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia, Educação e Cidadania.

Orientadora: Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza.

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B732e Borges, Erica da Silva.
Educação de Jovens e Adultos (EJA) [manuscrito] : análise do ensino de geografia na Escola Presidente José Sarney, localizada no município de Cacimba de Dentro/PB / Erica da Silva Borges. - 2019.
74 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Michele Kely Moraes Santos Souza , Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Geografia. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Título
21. ed. CDD 374

ÉRICA DA SILVA BORGES

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PRESIDENTE JOSÉ SARNEY, LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE CACIMBA DE DENTRO/PB

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia, Educação e Cidadania.

Aprovado em: 21/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Michele Kelly Moraes S. Souza

Prof. Me. Michele Kelly Moraes S. Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Regina Celly Nogueira da Silva

Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leandro Paiva do Monte Rodrigues

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a Deus por ser o meu refúgio e a minha fonte de confiança, pois ele me inspirou desde o início a ser perseverante e acreditar que conseguiria concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente agradeço a Deus, por me ajudar em cada palavra escrita nesse trabalho, me mostrando que nada é impossível, basta apenas confiar e entregar nossas dificuldades. Em seguida, sou grata a minha mãe e ao meu pai que me ajudaram de todas as formas possíveis, principalmente pela a compreensão em todos os momentos.

Sou grata aos meus irmãos pelas diversas ajudas, seja em palavras ou em me levar até o ponto do ônibus. Agradeço também a Valdeir por escutar todas as minhas reclamações, choros e angústias, e mesmo assim sempre me deu forças para continuar.

Agradeço a todos os professores do Campus III, especialmente a minha orientadora Michele por me ajudar na elaboração desse trabalho com toda sua paciência. Também destaco os professores Luiz Artur, Regina, Juliana e Fabio.

Agradeço a Jessica Brito, aquela que fez todas as correções minuciosamente e, me ajudou desde o início da elaboração deste trabalho, a você o meu muito obrigada.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos que estiveram trilhando essa jornada comigo, a minha turma 2015.1, principalmente Janikely, Ana Cláudia, Fernanda e Paula. Agradeço aos meus companheiros, amigos, colegas de viagem até a universidade, sobretudo, aqueles que reservavam um tempinho para ler o trabalho e me ajudar nas correções como: Sangela e Izilvânia.

Agradeço também a uma amiga que me ajudou nas correções mesmo a distância Dayane, obrigada por todas as correções nessa caminhada de diversos trabalhos, editados por você.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

043 - GEOGRAFIA**Linha de Pesquisa:** Geografia, Educação e Cidadania**Título:** EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PRESIDENTE JOSÉ SARNEY, LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE CACIMBA DE DENTRO/PB**(AUTOR):** Érica da Silva Borges**(ORIENTADORA):** Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza**(Examinadores):** Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise da realidade atual do ensino-aprendizagem em geografia, da educação de jovens e adultos (EJA), na Escola Municipal Presidente José Sarney na cidade de Cacimba de Dentro/PB, tendo como foco as turmas do ensino fundamental II, onde se inclui os ciclos III (sexto ano e sétimo ano) e o IV (oitavo ano e nono ano). Nesse sentido, primordialmente fora necessário um levantamento bibliográfico, no qual se aponta autores como: Cavalcanti (2017), Kaercher (2009), Oliveira (2001), Sacramento (2015), Straforini (2018), Silva (2014), Brabant (2010), e dentre outros citados. E, para a efetuação da pesquisa de campo na escola foi realizada as observações das aulas de geografia, visando, acompanhar o desempenho docente e o modo como os discentes se adaptam a essas aulas. No qual, posteriormente houve a aplicação de questionários para professores e alunos. Logo, com os resultados vigentes das análises, se presenciou um ensino de geografia precário nas turmas de EJA, onde é evidente que os discentes não compreendem o verdadeiro sentido dessa disciplina e, nem sequer para que serve. Nesta perspectiva, também se constata a EJA como sendo ainda uma modalidade desvalorizada, no qual as visões sobre o EJA nesta instituição estão voltadas para o público regular, excluindo assim, tanto os discentes como os docentes que fazem parte dessa modalidade. Por outro lado, é notável que os docentes da EJA conseguem desenvolver suas aulas, todavia, a predominância de aulas tradicionais é visível. Nesse âmbito, salienta-se que não há auxílio do coordenador responsável para efetuação dos planejamentos, e não existe reuniões constantes com o corpo docente dessa instituição. Enfim, o ensino aplicado na modalidade EJA, está precisando de mais atenção, tendo em vista, buscar estimular os professores a desenvolverem aulas, mas interativas e, de certa forma, possa desencadear o interesse do alunado, principalmente por serem desmotivados.

Palavras chaves: EJA; Geografia; Ensino-aprendizagem

043 - GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania

Title: YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA): ANALYSIS OF GEOGRAPHY TEACHING AT THE PRESIDENTE JOSÉ SARNEY SCHOOL LOCATED IN CACIMBA DE DENTRO/PB

(AUTOR): Érica da Silva Borges

(ORIENTADORA): Prof. Me. Michele Kely Moraes Santos Souza

(Examinadores): Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

ABSTRACT

The main objective of this work is to perform a analysis of the current reality of teaching and learning in geography, youth and adult education (EJA) at the Presidente José Sarney Municipal school in Cacimba de Dentro/PB, focusing on the classes. Elementary school II, which includes cycles III (sixth and seventh years) and cycles IV (eighth and ninth grade). In this sense, primarily a bibliographic survey was needed, in which authors such as: Cavalcanti (2017), Kaercher (2009), Oliveira (2001), Sacramento (2015), Straforini (2018), Silva (2014), Brabant (2010), and among others cited. And, to carry out field research at school, the observations of the geography classes were carried out, aiming to monitor the teaching performance and the way the students adapt to these classes. In which, subsequently there was the application of questionnaires for teachers and students. Thus, with the current results of the analyzes, we witnessed a teaching of precarious geography in the EJA classes, where it is evidente that the students do not understand the true meaning of this discipline and not even for what it serves. In this perspective, it is also noted that EJA is still a devalued modality, in which all views are aimed at the regular ublic, thus excluding both students and teachers who are parto f this modality. On the other hand, it is remarkable that EJA teachers are able to develop their classes, however, the predominance of traditional classes is visible. In this context, it is emphasized that there is no assistance from the coordinator responsible for carrying out the planning, and there are no constant meetings with the faculty of this institution. Finally, the teaching applied in the EJA modality, needs more attention, aiming to encourage teachers to develop classes, but interactive and, in a way, can trigger the interest of students, especially because they are demotivated.

Keywords: EJA; Geography; Teaching-learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fachada da escola	52
Figura 2 –	Banheiros	53
Figura 3 –	Bebedouro	53
Figura 4 –	Pátio	53
Figura 5 –	Biblioteca	54
Figura 6 –	Refeitório	54

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
	PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS	15
1	CAPÍTULO – 1 PERSPECTIVAS REFERENTES À EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA CONTEMPORANEIDADE	17
1.1	O docente de Geografia e o processo de ensino	29
2	CAPÍTULO – 2 OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	37
2.1	Um ensaio histórico da educação de jovens e adultos no Brasil ...	37
2.2	Reflexões da EJA com relação ao ensino regular atualmente	40
2.3	O ensino-aprendizagem em geografia na EJA: possíveis soluções metodológicas	45
3	CAPÍTULO – 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOSÉ SARNEY	52
3.1	Caracterização da Escola Municipal Presidente José Sarney	52
3.2	Análise e discussão dos dados	54
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICE – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	71

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desde sua regularização no Brasil no ano de 1996, regida pela Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 como modalidade de ensino tem sofrido diversas dificuldades, tendo resistido até o presente. De acordo com Silva (2014, p. 11) “as pesquisas voltadas para essa área de ensino apresentam veredas importantes que o ensino da EJA no Brasil percorreu até chegar atualmente e ter grande importância para sociedade”.

A EJA é uma modalidade de ensino voltada para aquelas pessoas que não conseguiram terminar os estudos no ensino regular ou que desistiram de estudar por algum motivo. Esse ensino promove um aprimoramento nos conhecimentos dos alunos, restaurando o que fora deixado para trás, de certa maneira, fazendo com que esse aluno obtenha uma “segunda chance” de avançar em seus estudos.

A Geografia, enquanto disciplina na EJA, pode aprimorar os conhecimentos desses alunos, buscando “trazê-los para a realidade” em que vivem, de certa maneira, formando um pensamento crítico, em que eles possam transformar o espaço onde estão inseridos. Dessa forma, como relata Cavalcanti (2008, p. 8), “a tarefa da escola de, por intermédio do ensino de suas diferentes matérias, como a geografia, e de relações sociais diversas, contribuir para a construção de conhecimentos abrangentes, críticos e instrumentalizadores sobre a cidade”.

Contudo, a disciplina Geográfica atualmente está tendo uma visão mais voltada para os seres humanos, procurando compreender os acontecimentos que assolam a sociedade moderna, como caracteriza Straforini (2018, p. 177) “[...] assumindo-se como a “ciência do presente”, a Geografia se assevera em ser o componente curricular escolar capaz de trazer para a sala de aula a realidade do mundo contemporâneo [...]”. Porém, cabe a escola, e todo corpo docente buscar levar para as salas de aula essa disciplina, transparecendo o tradicionalismo predominantes em diversas escolas.

Mediante o exposto surgem alguns questionamentos, será que a EJA está com essa grande importância no sistema de ensino realmente? Como a educação de jovens e adultos se encontra atualmente? E como a Geografia enquanto disciplina pode contribuir para essa modalidade? O ensino de Geografia como se encontra no contexto atual? Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos os alunos da EJA? Essas e outras dúvidas complementares serão abordadas nessa pesquisa.

Logo, essa pesquisa terá como estudo de caso a Escola Municipal Presidente José Sarney localizada na cidade de Cacimba de Dentro/PB.

Nesse contexto, se destaca a importância da presente pesquisa mediante o contexto atual para a sociedade, com o intuito de discutir como se encontra a modalidade de ensino educação de jovens e adultos na Escola Presidente José Sarney, tendo em vista melhorias concentradas a ela ou se ainda é tida como uma modalidade desvalorizada.

Por essa perspectiva, este trabalho buscou o papel de contribuir para a aprendizagem de discentes e docentes, assim promover um aprimoramento de conhecimentos sobre essa modalidade de ensino. E, por sua vez, proporcionar uma outra ótica, com relação à disciplina Geográfica, pelo o fato de se analisar essa disciplina nesse público, e conseguir obter conhecimento do desenvolvimento atual do ensino-aprendizagem em geografia na EJA.

No entanto, o interesse pela a realização da pesquisa nessa área, surgiu a partir da execução do Estágio supervisionado em geografia II, onde se teve como foco a escola mencionada, e as turmas da EJA que compõem do sexto ao nono ano do ensino fundamental anos finais. No qual se passaram mais ou menos 4 meses de realização, incluindo observações e regências. Sendo, um dos estágios mais proveitosos, principalmente por ter tido muitos encontros em sala de aula, no qual o entusiasmo e a curiosidade aumentaram por essa modalidade.

Diante disso, se tem como objetivo geral, abordar as relações de ensino-aprendizagem em geografia na educação de jovens e adultos predominante na escola Presidente José Sarney na cidade de Cacimba de Dentro/PB. Dessa forma, se aponta como objetivos específicos para alcançar o propósito do trabalho que são: analisar as contribuições metodológicas aplicadas pelo professor de Geografia na educação de jovens e adultos; descrever obstáculos presentes na modalidade EJA nesta escola; verificar a visão do alunado e do corpo docente sobre a modalidade de ensino (EJA).

Portanto, para realização da pesquisa houve um levantamento bibliográfico, tendo em vista autores relacionados ao tema: Cavalcanti (2010), Sacramento (2015), Oliveira (2010) Oliveira (2001), Silva (2014), Quintão (2011), Kaercher (2009), dentre outros. Também se consultou artigos, monografias, livros, dissertações e teses, para se ter um embasamento teórico da Geografia no ensino da EJA, criando assim uma ligação entre os dois contextos. Em seguida, foi realizada a pesquisa de campo, com

qual se teve primeiramente algumas observações das aulas de geografia por algumas semanas, e logo após foi aplicado questionários para professores e alunos.

No entanto, o primeiro capítulo terá um sustentáculo teórico relacionado a educação geográfica na comunidade moderna. Pretendendo compreender questões relacionadas ao mundo globalizado, expondo o posicionamento da disciplina como ciência do presente. Em seguida, o segundo capítulo abordará a associação do ensino de geografia com a EJA, iniciando com um breve histórico sobre essa modalidade, e, seguidamente enfatizar algumas linguagens que se pode trabalhar na EJA, visando o entusiasmo do aluno. Nesse contexto o terceiro capítulo se desenvolverá a partir das observações e das análises dos questionários aplicados na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do presente estudo fundamenta-se na abordagem quali-quantitativa, enfatizando que a mesma está ligada à junção de ambas abordagens, onde esse entrelaçamento resulta em um aprofundamento maior nas ideias, ocasionando mais esclarecimentos. Dessa forma, aponta Fonseca (2002, p. 20, apud SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 33) “[...] a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. Todavia, foi necessário quantificar alguns dados e enfatizar a objetividade através de algumas perguntas objetivas. Porém, a maioria dos questionários seguiu o modelo qualitativo contendo questões abertas, no qual permitia os sujeitos demonstrarem seus pontos de vistas, a partir de sua vivência e de seu cotidiano, contudo, nessa parte não se utiliza da quantificação, nem dos números, apenas aborda o que os indivíduos enfatizaram (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009).

De maneira complementar, para realização da pesquisa houve um levantamento bibliográfico, tendo em vista autores relacionados ao tema: Cavalcanti (2010), Sacramento (2015), Oliveira (2010) Oliveira (2001), Silva (2014), Quintão (2011), Kaercher (2009), dentre outros. Também se consultou artigos, monografias, livros, dissertações e teses, para se ter um embasamento teórico da Geografia no ensino da EJA, criando assim uma ligação entre os dois contextos.

Para efetuação da pesquisa de campo realiza-se a visita na Escola Municipal Presidente José Sarney, no dia 9 de setembro de 2019 no turno da noite, passando três semanas em observações na escola em sua totalidade e nas aulas de geografia na EJA no ensino fundamental II, abrangendo os ciclos III (6º e 7º ano) e IV (8º e 9º ano).

Diante disso, foram elaborados 3 questionários, sendo um destinado ao único docente de geografia, onde continha 5 questões abertas, em que o mesmo poderia expressar sua opinião. Também foi destinado um questionário aos alunos, contendo 10 questões, sendo que, 6 são abertas, relacionadas a visão dos mesmos a respeito da Geografia escolar e 4 objetivas, visando a vivência na EJA.

Nesse seguimento, para implementação da pesquisa e também para conhecer sobre o cotidiano da EJA na visão docente, desenvolveu-se um terceiro questionário para os demais professores dessa modalidade no ensino fundamental II, contendo 8 questões abertas.

Nesse sentido, os questionários foram aplicados na escola no dia 24 de setembro de 2019, no qual parte do alunado se disponibilizaram a responde-lo, 9 alunos das duas turmas em análise, pelo o fato da referida quantidade estarem presentes no dia mencionado, onde cada turma abrange uma pequena quantidade de alunos matriculados, sendo 6 no ciclo III e 12 no ciclo IIII. Na parte docente se dispuseram a responder os 4 professores da modalidade EJA, incluindo o professor de geografia.

CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVAS REFERENTES À EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA CONTEMPORANEIDADE

O mundo contemporâneo com o processo de globalização vem passando por diversas modificações notáveis tornando-se, assim a identidade da sociedade moderna, onde se ampliam os modelos de comunicações e as informações são múltiplas, ou seja, houve um grande avanço na tecnologia. Porquanto esse processo é considerado com grande complexidade e diversidade, sendo que a maioria das nações participam, porém, de maneiras distintas (CAVALCANTI, 2010). Do mesmo modo a autora continua:

Nesse processo, observa-se maior interdependência entre as escalas nas quais os fenômenos e fatos espaciais ocorrem, maior e mais intensa comunicação entre pessoas, empresas e instituições, levando à experiência simultânea (mas não homogênea) com esses fenômenos e fatos, ao adensamento de pessoas em territórios urbanos globais e globalizados, a padronizações de estilos de vida, mas também à acentuação da diversidade cultural (CAVALCANTI, 2010, p. 4).

Dessa forma, com a entrada da globalização acarretou também a expansão cultural mundial, ou seja, com a informação as pessoas passaram conhecer praticamente tudo, e desse modo, muitos dos gostos, costumes, alimentação, o consumismo e dentre outros fatores, passaram a se tornar mundiais. No qual aponta Cavalcanti (2017, p. 69) “nesse contexto, destacam-se a globalização da sociedade e a globalização da informação propiciada pela revolução tecnológica, que tem disseminado um padrão cultural global”. Por outro lado, as predominâncias na sociedade das disparidades são gritantes, “o aumento das dificuldades no enfrentamento das diferenças e desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais que estes avanços acabam por criar” (DEON e CALLAI, 2018, p. 266). Por esse viés salienta Nascimento; Cruz (2015, p. 186):

[...] O sistema é veloz e feroz, defende uma forma de controle global onde se propaga uma ideia de uniformidade, mas que na realidade as diferenças são cada vez mais acentuadas e necessárias para fortalecer o próprio sistema.

Á vista disso, o sistema necessita das distinções predominantes na sociedade para seu próprio fortalecimento, sendo que isso pode afetar a vivencia das pessoas como um todo, gerando crise, e destruições de lugares para implantações de outros

estabelecimentos, que possa apenas gerar lucro para uma pequena parcela da população.

Em ressalva, a expansão do capitalismo no contexto atual, no qual acabou por acarretar inúmeras modificações no ensino contemporâneo, já havia sido analisada por Moreira (1992, p. 7) do qual afirmou em seus escritos que “[...] a entrada do capitalismo em nova fase trará profundas transformações na geografia, no plano da realidade e, conseqüentemente no plano do saber”. Ou seja, o autor aponta para o processo de globalização, onde está incluso a tecnologia, a informação, onde teve uma grande ampliação, resultando em alterações na realidade. Bem como aponta Barbosa (2016, p. 84):

[...] aceleração contemporânea mediada pelos recursos tecnológicos impõe novos ritmos à sociedade, e isso não se restringe apenas à dimensão econômica, ao modo de produzir, às formas de circulação de bens, dinheiro, mercadorias e deslocamentos das pessoas. Essas tecnologias interferem no tempo de realização das ações humanas, redefinem os espaços para a efetivação das atividades e, colocam em xeque a noção de tempo cronológico e espaço físico.

Diante do cenário tecnológico com acentuados conhecimentos novos em que se encontra a sociedade moderna, no qual passa, e continuará passando, por diversas mudanças em seus respectivos setores. Posto que, a instituição escolar deve se posicionar em meio a essas circunstâncias, assim fazendo com que o aluno do milênio compreenda as diversas transformações. Nesse sentido, Andrade e Costella (2016, p. 107) fundamentam que: “[...] faz-se necessário um novo posicionamento da escola que é desafiada a repensar profundamente os modos de ensinar e de aprender nestes tempos de mudança”.

Dessa forma, salienta-se Kimura (2008) dando ênfase a visão populacional referente a escola, no qual constata-se que os cidadãos enxergam a instituição como um ambiente de total aprendizado, podendo proporcionar aos jovens, adultos, adolescentes, e idosos bastante conhecimentos, em relação ao mundo em que se vive. De fato, a escola ainda é o maior espaço em que decorre o ensino aprendizagem, por ainda existir seriedade por parte de muitos componentes do corpo docente, porém, existe ainda escolas melhores que outras, sendo que esse é um dos fatores evidenciados pela a população.

Por outro lado, conforme Cavalcanti (2010) a veracidade da modernização mundial, se propõe investimentos em conhecimentos, mais abertos, envolvendo todas

as disciplinas, tendo em vista a compreensão de todos os fenômenos relacionados ao contexto moderno. Nesse ponto a disciplina geográfica busca aprimorar a compreensão da espacialidade, tendo como objeto de estudo o espaço geográfico, “além de outras também consideradas elementares, como lugar, território e paisagem” (CAVALCANTI, 2010, p. 4).

Ressaltando que o ensino de Geografia passou por uma grande crise, onde se apresentava como uma disciplina do real, mas que na realidade se tornava cada vez mais distante de seus objetos de ensino. No qual aponta Brabant (2010, p. 15):

[...] na verdade, a geografia pretendendo falar do mundo atual, frequentemente descreve um outro, essencialmente agrário e já ultrapassado. A geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração.

Brabant (2010) também aborda em seus escritos que o principal sinal da crise que a Geografia passou, foi o esforço de tira-la da instituição escolar. No qual ainda coloca que pode se pensar na questão de que outras disciplinas mais modernas, por serem consideradas mais eficientes como “economia ou sociologia” se tornaram aos olhares do poder mais adequadas a formarem cidadãos, ou seja, essas disciplinas eram consideradas mais próximas do real do que a própria geografia. Porém, a Geografia que se está defendendo hoje em dia “é aquela que permite ao aluno compreender a espacialidade dos fenômenos nas suas múltiplas dimensões escalares local, regional, nacional e global” (SOUZA e ASSIS, 2007, p. 11).

Do ponto de vista de Castrogiovanni (2007, p. 42) “nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões”. Ou seja, a disciplina Geográfica esta inquieta com os acontecimentos expostos no mundo, tentando entender a organização mundial e as desorganizações, o mesmo autor cita que, diante do real, essa disciplina se torna uma grande ferramenta na direção do sujeito que opta por obter seus estudos (CASTROGIOVANNI, 2007). Mesmo que para muitos, o ensino de Geografia tenha se tornado ultrapassado, sem relevância, e sem interesse.

Porém, em ressalva Souza e Assis (2007) aponta que a Geografia escolar apresentada atualmente tem suas marcas desde a Primeira Revolução Industrial, onde passou por uma crise enorme, tendo sido quase “exterminada” da escola. Bem

como por sua aparência tradicional, decorativa, ou melhor, “fazia uma Geografia de descrição e enumeração de cidades, dos tipos de relevo, da população e da economia dos lugares” (SOUZA; ASSIS, 2007, p. 10). Nota-se que a Geografia estava mais relacionada com as partes físicas na abrangência de seu estudo.

Do mesmo modo, aponta Brabant (2010, p. 18): “está predileção da geografia escolar pela geografia física encontra também suas raízes na Geografia dos militares, o militar conduz seu raciocínio estratégico a partir dos dados topográficos”. Ou seja, a escolha pela geografia física já vem de muitos anos atrás, hoje se percebe que ainda existe essa preferência nas escolas e, muitas vezes, fora do contexto em que o aluno está inserido, no qual o mesmo não sabe nem qual é o clima predominante em sua cidade.

Tendo em vista o método tradicional apresentado por Souza; Assis (2007), percebesse que a disciplina Geográfica em inúmeras salas de aula existe a predominância de decorar textos ainda e a escola em geral não está inculcando os alunos a pensar. Sendo que, na realidade, a Geografia escolar ainda está relacionada à ser sempre a disciplina dos mapas, no qual professores pedem para alunos desenhar o mapa do Brasil, e em seguida, colocar a capital no centro; sendo assim, reproduz uma visão para os discentes de que uma aula de geografia sem mapa não tem relevância.

Todavia, cabe aqui destacar um fator relevante relacionado ao mapa, de certa forma, não se pode desliga-lo dessa disciplina, o mesmo está nas raízes da Geografia e se torna um grande influenciador no conhecimento Geográfico. Sendo bastante utilizado diariamente em jornais, no qual mostram o mapa do Brasil e a partir dos mesmos abordam como se encontra a previsão do tempo do País (OLIVEIRA e KAERCHER, 2016). No entanto, no século XXI se busca na Geografia a visão crítica, ou seja, que ao olhar da sociedade se torne uma disciplina que forme cidadãos conscientes e críticos.

Salientando o objetivo do ensino tradicional, que era o de formar cidadãos de acordo com suas propostas de ensino. Do qual a população só poderia aprender o que lhe fosse abordado, e os alunos viviam na proposta de aulas rígidas, cronometradas, não podiam expressar sua opinião, o professor era o detentor do saber (BARBOSA, 2016). Porém, atualmente muitas escolas ainda vivem no ritmo tradicional pelo que “o novo aluno reclama da mesmice da escola com seus espaços e tempos rígidos e isso se evidencia na indisciplina, no desinteresse em relação às

atividades propostas, enfim, no comportamento indiferente do aluno na escola” (BARBOSA, 2016, p. 85).

Nesse cenário Cavalcanti (2017) tem percebido que os propósitos estabelecidos pela a geografia escolar na educação básica não está alcançando os alunos, isso pelo fato da autora ter notado em uma pesquisa, onde fez uma análise nas respostas de um aluno. No qual as perguntas para esse discente foram “para que serve a geografia: “pra aprender”, e pra que aprender? pra nada” (Cavalcanti, 2017, p. 74) nesta visão, as respostas do aluno destacou que a Geografia não servia para seu cotidiano, e o mesmo estudava essa disciplina apenas para concluir os estudos.

Sob o mesmo ponto de vista, Kaercher (2009, p. 137) propõe, então, “um ensino não tão formalista – a partir de menos classificações, sem tantas nomenclaturas e memorização”. Nesse ponto relacionado à formalidade, faz-se presente o caráter conteudista, do qual não se pode se fixar apenas nas definições, mas, conforme o autor coloca, não sair apenas definindo o que é planalto, mas sim falar como a natureza e o homem modificam o relevo (KAERCHER, 2009).

Por outro lado, os conteúdos Geográficos não podem ser transmitidos apenas para que os discentes memorizem, mas devem ser transmitidos didaticamente, e assim proporcionar a aprendizagem. Porém, esses conteúdos de maneira nenhuma podem ser apenas enxergados como forma de alcançar outros critérios, aliás também são assuntos importantes que fazem parte dessa disciplina. Como caracteriza Cavalcanti (2017, p. 72) “não que os conteúdos sejam apenas pretextos para o desenvolvimento que se pretende; eles não podem ser assim encarados, pois são, de fato, informações, acontecimentos, fenômenos Geográficos importantes em si mesmos”.

Além disso, o ensino de Geografia é classificatório, enfatizando que esse modelo não acontece apenas nessa disciplina, acontecendo desde o surgimento das ciências e outras disciplinas também, tem em suas características a classificação. Ressaltando a memorização, de fato é muito importante para a sociedade, principalmente certas leis, todavia o excesso, se torna exagerado principalmente nos modelos de ensinar (KAERCHER, 2009). Da mesma forma complementa Nascimento e Cruz (2015, p. 188) “[...]deve-se privilegiar nessa disciplina o pensamento, o entendimento da realidade Geográfica pelo aluno, e não somente a descrição e a memorização”.

Em relação ao modelo descritivo “é necessário pontuar aqui que não somos contra o fato de a descrição compor o fazer Geográfico escolar [...]” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 38). Portanto, é necessário ressaltar que a descrição na Geografia é um fator característico, pelo o fato de ser através da mesma que o aluno realiza suas observações em uma aula de campo, em seu bairro ou na cidade por exemplo e, em seguida pode conseguir descrever os fatos vistos, posto que, possam se posicionar. Sendo assim, é necessário que professores de geografia possam recuperar a descrição nesse ponto, mas não se apegando ao mesmo, como aquele modelo de aula tradicionalista.

No entanto, ainda existem diversos questionamentos ligados ao ensino de Geografia, principalmente saber os principais objetivos dessa disciplina. Sendo que são questionamentos que professores de geografia, devem abordar em suas aulas, e também saber explicar para outros sujeitos interessados nessa abordagem. Mesmo que, na sociedade contemporânea seja extremamente difícil explicar estas questões, como aponta Pontuschka; Paganelli e Cacete (2009, p. 24) “As mudanças na sociedade têm hoje um ritmo tão acelerado, que as respostas se tornam rapidamente obsoletas e inadequadas para os objetivos educacionais preestabelecidos”.

Convém lembrar, como já foi mencionado acima, que na contemporaneidade, conforme Barbosa (2016, p. 83) a Geografia: “é a ciência que estuda o espaço geográfico e as transformações que nele ocorrem, resultantes das relações estabelecidas entre as pessoas, os distintos grupos sociais e a natureza”. Ou seja, o espaço geográfico é também considerado, o espaço da vivência, existência, das histórias produzidas, no qual o mesmo vem sendo modificado com o passar dos anos. Porém, é o mesmo espaço que deve ser enfatizado nas aulas de geografia no ensino básico, tendo por objetivo uma compreensão dos acontecimentos que se vive, nesse espaço de total produção. Dessa forma, acrescenta Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 37) que a Geografia:

como ciência humana pesquisa o espaço produzido pelas sociedades humanas, considerando-o como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações estabelecidas entre os grupos sociais e a natureza em diversos tempos históricos.

Igualmente conforme Andreis (2015) no qual apresenta o espaço como sendo as pessoas, são esses sujeitos que o reproduzem, e sem os sujeitos não haveria relatos espaciais. E a autora ainda ressalta a importância de não só a Geografia

retratar sobre esse espaço, mas as outras diversas disciplinas, de certa forma buscar enfatiza-lo. Nesse seguimento a mesma autora continua:

Falar de espaço é falar da vida das pessoas, pois é possível falar em vida humana apenas se considerarmos a espacialidade. O espaço é resultado e resulta no modo como somos. Essa interpretação é um processo de construir conhecimentos sobre o que somos e como somos, tanto individual como coletivamente (ANDREIS, 2015, p. 68).

Contudo, na Geografia o conceito de espaço está sempre ligado ao conceito de tempo, ou seja, acontece como um processo diário, no qual cada sujeito tem suas memórias registradas em um determinado tempo e espaço. Por onde, também no planeta aconteceu diversas transformações, e de fato é importante saber como se deu esse processo, e principalmente o tempo de tal acontecimentos realizados pelas as ações humanas, dessa forma é de suma importância se pensar o espaço temporalmente (BNCC, 2017).

No entanto, o mundo contemporâneo está necessitando de uma escola que esteja apta para receber os alunos, buscando o desenvolvimento intelectual dos discentes. De certo, o ensino-aprendizagem de geografia pode contribuir para esse desenvolvimento, incentivando a obter uma maior aproximação do espaço em que estão inseridos, e assim poderão constituir uma visão do local para o global, podendo conhecer os diversos lugares sem ao menos nunca ter ido para os mesmos. No qual acrescenta Callai e Moraes (2014, p. 2):

O mundo atual exige uma escola, educação e ensino que possibilitem trabalhar os diversos conteúdos para desenvolver competências que habilitem os estudantes a construir a sua identidade e pertencimento a este mundo-educar para participação cidadã, exige que os professores desenvolvam o seu trabalho com a clareza da sua identidade e do seu pertencimento a este mundo agindo como protagonista, da/na sua própria vida.

A Geografia de certa forma pode auxiliar para demonstrar que o alunado, está interligado com a natureza, com o espaço da vivência. Porém, mesmo sendo em uma sociedade onde muitos estão alienados, o ensino-aprendizagem em Geografia pode ser uma importante contribuinte para essa (des)alienação (CASTROGIOVANNI, 2007). Mostrando que as pessoas não estão separadas do meio, e sim são elas que constituem o meio e o transforma. Mesmo “vivendo num mundo onde as diferenças são perturbadoras, mas necessárias para a construção de uma sociedade, é

importante sair da inércia social a que até então não sabíamos estar submetidos e obtusos à realidade [...]” (NASCIMENTO e CRUZ, 2015, p. 186).

Além disso, professores devem buscar esse entendimento do aluno com a cidadania, principalmente compreender seu papel na sociedade, e o professor, como profissional da educação, não pode se prender ao modo imposto pelo ensino tradicional. Logo, os professores em sala de aula podem desenvolver seu trabalho de uma forma que o mesmo possa descobrir seu pertencimento e também do seu alunado, onde esses educadores se tornarão referências na vida desses alunos.

Portanto, Kaercher (2014) aborda para a sociedade atual a Geografia do já é! Onde o mesmo associa com a linguagem utilizada na modernidade por muitos membros da sociedade, principalmente os jovens. E, nesse mesmo contexto o autor à caracteriza como a geografia do nosso dia-a-dia, a associação com a vivencia, e ainda salienta que “geografar é marcar sua/nossa passagem na terra. Evitar o impossível...o nosso esquecimento que a morte provocará [...]” (KAERCHER, 2014, p. 152).

Sob o mesmo ponto de vista, Callai e Moraes (2014, p. 5) continuam relatando que “as marcas deixadas no espaço construído são resultado da ação de quem é atuante e, inclusive, das marcas que decorrem da passividade de quem não consegue ter instrumentos para agir”. Ou seja, cada pessoa deixa sua marca a partir de sua história construída naquele lugar, isso pelo fato da pessoa pertencer aquele ambiente e ter sua identidade construída em meio a sociedade. Igualmente descrito na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 362):

[...] pretende-se possibilitar que os estudantes construam sua identidade relacionando-se com o outro (sentido de alteridade); valorizem as suas memórias e marcas do passado vivenciadas em diferentes lugares; e, à medida que se alfabetizam, ampliem a sua compreensão do mundo [...]

Salientando que muitas vezes os interesses por outros lugares distantes são maiores, do que o próprio lugar em que se está inserido. No qual o pensamento está voltado para talvez viajar para esses ambientes um dia, e com o intuito de sentisse mais próximos, se busca informações. Porém, esquece-se do lugar em que se vive, ou seja, esquece de conhece-lo melhor, e de acordo com Callai (2009) onde ressalta o que já fora abordado em outro parágrafo, que na disciplina de geografia se busca estudar o lugar, a partir do “nível local, o regional, o nacional até chegar o global”.

Por outro lado, Callai (2009, p. 84) relata que “estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas”. Embora aconteça que todos esses esclarecimentos, estejam fora da sua localidade, nesse aspecto, para entender o que acontece internamente, deve-se buscar externamente, podendo esclarecer as dúvidas estabelecidas (CALLAI, 2009).

Do mesmo modo conforme descrito na BNCC (2017, p. 362) no ensino e a aprendizagem em Geografia “procura-se expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplo considerando temas políticos econômicos e culturais do Brasil e do mundo”. Desta forma, trará aos alunos um conhecimento, mas elevado com relação ao contexto nacional e mundial, obtendo uma compreensão das diferenciações predominantes em cada país, e fazendo comparações com o Brasil. Ressaltando que no próprio Brasil se pode fazer diversas comparações entre as regiões, estados e cidades.

Porém, Callai e Moraes (2014) ainda fundamentam que diversos docentes se encontram até então atados aos requisitos da prática tradicional, atrapalhando que alcancem prosperidade apresentadas nos modelos educacionais, em direção aos direitos e deveres do cidadão tal como atividade própria que ultrapasse por completo as disciplinas. Dessa maneira, se presume que todas as disciplinas que são ministradas na escola, inclusive a geografia não está tendo um desenvolvimento conforme a sociedade no século XXI está centrada. Nesse âmbito complementa Ramos (2016, p. 74):

O mundo mudou, porém, o mundo educacional parece manter-se incoólume. As salas, os quadros-negros, independente de seus tons, a disposição das classes e cadeiras permanecem intactos. Tudo pode se conservar intacto, indiferente na aparência à exterioridade do seu espaço.

Sendo assim, apesar desses fatos expostos, muitos professores de Geografia não estão levando para as salas de aulas as diversas informações. Porém, estão acompanhando o que está exposto no livro didático, que já vem pronto, basta apenas introduzir o que está escrito, no qual, segundo Oliveira (2010, p. 137), “o livro didático tornou-se a ‘bíblia’ dos professores e nem sempre editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científica”.

Igualmente a Geografia apresentada no livro didático, conforme Kaercher (2009), é considerada improdutiva, com rotulação e, principalmente, afastada de sua

realidade, na qual o alunado infelizmente acaba enxergando o ensino de Geografia voltado apenas para os professores, e que tais assuntos devem ficar na escola, sem levar nenhum aprendizado das aulas para casa, cabendo apenas ao professor entender esses conteúdos e que para eles (os alunos) não tem nenhuma importância.

Sob esse mesmo ponto de vista Oliveira (2010) aponta que esse material que está nas escolas, muitas vezes sem qualidade nenhuma, e que não está mostrando a realidade que assola a sociedade hoje, porquanto pode se tornar o grande definidor da Geografia que se ensina, e conseqüentemente acaba por caracteriza o que é Geografia. Assim sendo, Oliveira (2010) ainda ressalta dizendo que isso não acontece apenas no Brasil e cita o geógrafo Yves Lacoste ao apontar que a Geografia produzida na universidade não é produzida na escola: se produz a Geografia dos professores.

Segundo Oliveira (2010, p.138) “os professores de Geografia (ou de estudos sociais) não têm tido condições, na maioria das vezes, para se formar dentro de um processo crítico que lhe permita também se torna um verdadeiro “juiz crítico” do livro didático”. Nesse viés, os professores passaram a ser meros reprodutores das verdades predominantes nos livros, ou seja, tendo aquele conteúdo apresentado bem definido e pronto como guia em suas aulas. E, para complementar melhor a situação, o mesmo autor ainda acrescenta que as editoras criaram o “livro do professor” todo completado para facilitar o educador (OLIVEIRA, 2010).

Logo, por outra ótica, existem inúmeras formas dos profissionais utilizarem o livro didático, sendo que, para alguns, este material é considerado apenas um complemento. Nesta visão, salientam Frison et al (2009, p. 6) que “alguns seguem de forma rigorosa o desenvolvimento de cada item indicado, outros, no entanto não o utilizam por considera-lo inadequado, uma vez que os conceitos se apresentam desvinculados da realidade dos estudantes o que dificulta a aprendizagem”.

Por outro lado, embora a cidadania esteja presente nas políticas públicas, ou seja, o reconhecimento como sujeitos atuantes, que devem conhecer suas regalias e suas responsabilidades, tendo a oportunidade de opinar e de questionar. Portanto, a efetivação de proporcionar ao aluno uma visão crítica ainda está distante: ainda se tem muito o que fazer para mudar essa realidade (CALLAI; MORAES, 2014). Igualmente, o ensino de geografia deveria refletir esse pensamento crítico, porém, se trilha um caminho bem distante para se chegar realmente a esse pensar com autonomia. Ainda Callai; Moraes (2014, p. 4) enfatiza:

No Brasil a realidade é diferente e a ideia de nação juntamente com a construção de identidade e pertencimento nacional e/ou regionais das populações se inscreve num contexto de desigualdades sociais alarmantes, onde para certa parcela dos estudantes ainda são inatingíveis os direitos universais que preconizam as ideias da cidadania e da democracia e dos principais republicanos.

O espaço geográfico brasileiro ainda reflete uma grande desigualdade social, isso não apenas no âmbito escolar, mas na maioria dos lugares predominantes no nosso país. O espaço se apresenta totalmente dividido, no qual em todo lugar se nota as divisões predominantes. Por esse ponto afirma Moreira (1992, p. 92):

Espaço de existência dos homens o espaço geográfico traz estampado nas suas frações seu vincado caráter de classe. A própria paisagem encarrega-se de revelar o caráter de classe de uma favela, de um bairro operário ou de bairro de classe média. Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência.

Portanto, a Geografia pode proporcionar também o entendimento aos discentes nas diversas escolas, sobre essas desigualdades predominantes no Brasil, e também abordar a maneira pela qual o ser humano está cada vez mais se apoderando dos recursos naturais. Apontando que se a sociedade continuar nesse ritmo, não terá, mais recursos naturais para explorar. Nesses pontos, conforme Oliveira (2010, p. 138) “Cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”.

Do mesmo modo descreve a BNCC (2017) o privilégio de estudar geografia e poder obter uma compreensão do mundo, porém, estudando gradativamente as diversas transformações produzidas no espaço pelo o homem em todos lugares do planeta. E também a identidade produzida através da paisagem observada, no qual se compreende, a vivencia em sociedade, seus fatores culturais e também podendo compreender que cada sujeito tem suas características específicas, e que todos são seres distintos. Nesse contexto a BNCC (2017, p. 359) evidencia que:

Estudar geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na

compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observa-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso convictos das nossas diferenças.

Entretanto, para se fazer uma análise do mundo em que vive, os sujeitos precisam começar a pensar espacialmente, e para se chegar a esse estágio deve-se desenvolver o “raciocínio geográfico”. Ou seja, esse raciocínio está relacionado a buscar compreender “aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas” (BNCC, 2017, p. 359).

O raciocínio geográfico nessa interligação do pensar espacialmente, também apresenta uma abordagem que possa fazer uma associação entre as diversas áreas do conhecimento, não apenas a geográfica. Nesse aspecto dessa junção de conhecimentos, favorece a escola no qual irá situar-se num ambiente com uma harmonia entre ambos os docentes, no qual aponta Castrogiovanni (2007, p. 41) “a desconstrução na escola envolve a retomada da interdisciplinaridade”.

Em Callai (2005, p. 232) vamos encontrar o seguinte esclarecimento “nesse caminho em que tudo leva a aprender a ler e a escrever acreditamos que seja fundamental a interligação de todos os componentes curriculares, se somando a busca do objetivo”. Ou seja, de fato todas as disciplinas interligadas proporcionarão uma junção entre ambas, de certa forma destituindo a competitividade predominante em muitos meios escolares, especialmente por todas terem a mesma finalidade de ensinar e formar cidadãos, dessa maneira alcançando um ensino interdisciplinar.

Porém, apesar da Geografia ter o espaço geográfico como sendo seu principal centro de estudo como já fora destacado em outros parágrafos a BNCC (2017, p. 361) aponta que o espaço independente de ser “[...]o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza e paisagem”. Isto é, de fato todos esses aspectos estão entrelaçados com o espaço, sendo que é de grande compreensão estudá-los separadamente, para se ter um aprofundamento maior.

No entanto, a Geografia escolar na modernidade pelo o olhar de diversos autores está buscando nas escolas conseguir trazer a interação entre discentes e

docentes, através do estudo dos diversos assuntos associados ao espaço da vivência, ou seja, o cotidiano. Buscando também a visão de posicionamento em meio essa sociedade alienada, mas, que a disciplina de geografia consiga, aos olhos do aluno moderno se tornar interessante. Porém, requer professores que busquem essa interação, tendo em vista meios para essa aproximação. E no próximo tópico será tratado um pouco sobre o perfil do professor e também diversas formas de como pode ocorrer esse processo de ensino e aprendizagem em geografia.

1.1 O docente de geografia e o processo de ensino

Segundo Cavalcanti (2010, p. 1) na atualidade diversos “professores de Geografia estão, frequentemente, preocupados em encontrar caminhos para propiciar o interesse coletivo dos alunos, aproximando os temas da espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivida no cotidiano”. Ou seja, vários professores buscam meios para trazer o aluno para a aula, e principalmente para apresentar o quanto a disciplina Geográfica é importante para seu cotidiano. E, dessa forma os docentes se preocupam com o que realizar, para mostrar o caráter da Geografia.

Contudo, apesar de existir esse docente preocupado, também existe aquele que está estagnado, principalmente por enfrentar obstáculos presente no seu dia-a-dia de labuta, muitas vezes a insegurança não os deixam avançar, ou até mesmo a desatenção, posicionando os a continuar nas repetições e rotinas. Como destaca Cavalcanti (2010, p.1):

Em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos.

Salientando que, vários professores que compõem o corpo docente de geografia e de outras disciplinas, passam por vários obstáculos, sobretudo por serem formados em uma determinada disciplina, e exercerem sua profissão em outra. Por outro ponto de vista, muitos desses docentes embora trabalhem como educador, todavia em momentos opostos executam outra função, não relacionada ao ensino. Contudo, o ensino acaba ficando desgastado por ter um corpo docente sobrecarregado, e também por eles terem que obter conhecimento dobrado para tanto realizar suas aulas, como para, conseguir conciliar com o outro emprego. Conforme expõe Costa e Moreira (2016, p. 27):

Ainda hoje, existem dificuldades e distanciamento para o trabalho pedagógico da disciplina de Geografia, pois muitas vezes, os professores assumem, além da docência, outras atividades profissionais que não estão relacionadas ao ensino e outra situação é quando o professor leciona Geografia e é especialista em outra disciplina.

Entretanto, Cavalcanti (2010) discorre que nos dias atuais variados professores da disciplina Geográfica retratam que os alunos estão desinteressados nesse ensino, e muitos não estão encontrando uma maneira de chamar atenção dos mesmos. Portanto, como já fora abordado anteriormente a geografia vislumbra todas as variedades de práticas dos seres humanos em constante elaboração no espaço, sendo que todas essas questões estão presentes no cotidiano dos alunos, porém, mesmo não estando presentes em suas localidades, mas estão em escala nacional ou mundial. Desta maneira, cabe ao educador seguir por esse caminho, mesmo que seja provável que muitos estudantes continuem da mesma forma, 'desinteressados'.

Por outro lado, muitos educadores esperam chegar em uma sala de aula e encontrar um público bastante interessado, ou melhor, depositam sua confiança no aluno, mas, ao notar que não é do jeito como o mesmo imaginou, se decepciona. No entanto, é função do professor em sala de aula buscar o interesse dos alunos, explanando os conteúdos e explicando com clareza para que os discentes possam ter total compreensão (CAVALCANTI, 2010).

Ressaltando, Cavalcanti (2017, p. 67) “[...] o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno [...]”. Todavia, para haver interação entre docentes e discentes no ambiente escolar, cabe também existir interesse por parte do alunado, como um sujeito participativo em seu processo de ensino, e o professor realizara sua parte, que é a de mediar. Portanto, não havendo busca da parte do aluno, não haverá uma aprendizagem completa e, nessa ótica o docente não poderá realizar nada.

De acordo com Nascimento e Cruz (2015 p. 184) “ o processo de aprendizagem é o de construir uma postura crítica com o educando, o que significa observar e questionar o real, discutir o que está sendo proposto [...]”. Ou seja, o professor deve instigar o aluno a enxergar de maneira crítica, no qual o mesmo possa por suas próprias estratégias descobrir o real, questionando sempre o que está sendo apresentado.

Mas, conforme Castrogiovanni (2007, p. 40) “A escola, lamentavelmente parece acreditar em verdades absolutas”. Porém, existem muitas verdades, e dessa forma é necessário o professor de Geografia buscar mostrar os diversos posicionamentos, para não induzir o aluno a acreditar na verdade que ele está apontando como única e absoluta. Porque, de fato os professores quem realizam suas aulas, e dessa forma, os mesmos podem trabalhar da maneira que perceberem que será viável ao entendimento do alunado, principalmente por conhecerem muito bem seu público.

Nessa ótica, “acreditamos que, para qualquer proposta de práticas prazerosas no fazer escolar, deve haver o entendimento, inicialmente, do que é Geografia” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 35). Sem dúvida é de suma importância o professor iniciar a aula de Geografia abordando a definição de Geografia e qual seu principal objeto de estudo, ou de certa maneira buscar as opiniões dos alunos acerca do significado dessa disciplina. Nessas definições pode surgir que a geografia é o estudo da terra? e com essa posição o professor pode abordar outro questionamento, por exemplo: mas o que exatamente a Geografia estuda na terra? Não perdendo o foco da definição geográfica. Nesse contexto Sacramento (2015, p. 11) discorre:

A construção do conhecimento escolar tem como um dos pilares fundamentais a mediação entre o professor-aluno-saber, fomentando a práxis e os conhecimentos específicos e cotidianos para a apreensão dos conteúdos e conceitos necessários à compreensão de sua vivência.

Dessa forma, se busca sempre uma conversa com o aluno, fazendo com que as aulas de Geografia se torne mais prazerosas, e o mais importante empenha-se em uma associação entre teoria e prática. Porém, mediar uma aula não quer dizer pegar qualquer conteúdo e transmiti-lo, todavia, buscar fazer com que esse aluno compreenda a importância daquela aula para seu processo de aprendizagem na sociedade, e também conteúdo sem relevância não tem resultados.

De fato, um dos principais pontos no processo de aprendizagem de um ano letivo, está ligado ao sucesso do aluno em frente ao seu desenvolvimento no aprendizado e não ao professor que conseguiu transmitir todo conteúdo. Pelo o fato que, mesmo se o professor venha a repassar todo assunto, todavia, se não haver compreensão não há resultado e também dialogar significa revisar, refletir com intuito de sempre alcançar essa compreensão do alunado (DARSKI, 2016).

Igualmente de acordo com Kaercher (2009, p. 139) no qual muitos professores estão “propondo aulas em FM e os alunos entendem em AM (e vice-versa), sendo que não há má vontade de nenhuma das partes”. Porquanto, o importante em uma aula é o “diálogo”, entre professor e aluno, sem esse conceito, não tem como ter harmonia necessária na sala de aula, e também o diálogo ajuda ao aluno não ter medo ou receio de perguntar alguma coisa ao professor.

Nesse sentido, quando não há diálogo entre professor e aluno, pode se acontecer o que aconteceu com o professor de francês no filme entre “os muros da escola”. No qual de início o mesmo não se situava na realidade dos estudantes de diferentes culturas, e nem havia oportunidade para que os discentes pudessem expressar seus conhecimentos já adquiridos. Sendo que dessa maneira ele buscava dar a sua aula, mas, não enxergava resultado da outra parte, do qual ficava triste com a situação (CASTELLAR, 2015).

Contudo, para Kaercher (2014, p. 153) “[...]as idéias são paridas no processo mesmo do diálogo reflexivo, seja conosco mesmo ou com nossos alunos”. Dessa forma, os docentes apenas ajudam a surgir as ideias no alunado, dialogando com o mesmo, vai induzir a si mesmo, e a seus alunos a raciocinar e a criar suas ideias. Nesse ponto muitos professores iniciantes se preocupam bastante em busca de novidade para seus alunos, mas nem sempre o novo pode ocasionar em melhores resultados, sendo que as vezes formulando uma boa pergunta possa passar a ter melhor rendimento (KAERCHER, 2014).

Posto que, em uma aula de Geografia, deve se ter um objetivo, e se pensar qual a finalidade daquele ensino. E, principalmente procurar compreender as dificuldades dos alunos, e de certa forma conseguir saber em que nível seu aluno está, sendo que isso só acontecerá através do diálogo. E, a partir do diálogo pode-se adaptar as aulas as necessidades dos alunos e também alcançar os seus ritmos, como caracteriza Darski (2016, p. 141) “uma aula de Geografia que se compromete a ensinar geografia deve pensar em qual o viés desse ensino. Em qual estágio meu estudante está? Só se consegue clareza desse estágio através do diálogo”.

Além disso, Kaercher (2009) faz um levantamento de alguns passos metodológicos, que podem melhorar as aulas dos docentes independente da disciplina que for ensinada. E esses passos são: “ouvir os alunos; sistematizar, no quadro e no caderno, as suas discussões; criar polemicas e dúvidas sobre o que se

diz e se ouve; sistematizar no quadro e no caderno essas novas “descobertas”; produzir surpresas” (KAERCHER, 2009, p. 38).

Na questão de ouvir os alunos Kaercher (2009) aborda que procurar ouvi-los é uma estratégia, que pode colaborar bastante nas aulas, pelo o qual a partir disto os mesmos podem adquirir material para melhorar suas aulas, tendo em vista a opinião dos alunos. Porque geralmente muitos professores não querem ouvir o que o discente tem a falar, em alguns casos se sentem detentores do saber, e o que o aluno fala, para eles não tem importância. Sendo que, os mesmos devem inculcar na mente que o alunado têm um raciocínio diferente do deles.

Visto que “nenhuma criança aprende a falar sem trocar letras, suprimi-las, se enrolar, fazendo “erros”, portanto! Ninguém aprendeu a andar de bicicleta ouvindo aulas sobre equilíbrio” (KAERCHER, 2009, p. 139). Ou seja, todos para conseguirem chegar a andar de bicicleta teve que passar pelos os tombos, caindo e levantando, mas jamais desistir. Porém, é dessa forma que professores devem incentivar os alunos, buscando lidar com as falhas que acontecem diariamente, tanto de sua parte, quanto da outra parte.

Tendo em vista ser importante ouvir os alunos, mas também é importante que o educador não se restrinja apenas a fala do aluno, ou seja, induza a uma discussão. No qual aponta kaercher (2009, p. 140) “É importante que o educador saiba ouvir, induza a discussões, faça provocações, e proponha novos temas para que a fala dos alunos não fique restrita só a assuntos imediatistas ou apresentados pela mídia”. Mesmo que os assuntos da mídia sejam fundamentais debaterem, isso porque geralmente os jovens estão em contato diário com a internet e a televisão.

Da mesma maneira aborda Sacramento (2015, p. 19) “trazer os elementos do cotidiano dos alunos é uma forma de mediar a aprendizagem, fazer com que os alunos pensem e ajam com base nos conteúdos”. Dessa forma, é importante instigar o aluno a falar, a demonstrar o que sabe, isso mediante ao conteúdo transmitido. Ou seja, fazendo relações sobre o assunto com sua vivencia, mesmo que seja do senso comum, mas é muito relevante trazer o aluno para os saberes concretos. Porquanto, o discente vai poder falar o que sabe, isso através das perguntas levantadas pelo o professor.

Portanto, é também essencial uma organização nas ideias propostas, ou melhor, não basta apenas provoca-los a falar, sem ao menos escreve-las no caderno ou no quadro. E, também não se pode ter como verdade tudo que o aluno trouxe da

mídia, nesse ponto o professor deve ‘aprofundar as discussões’. Assim sendo, não basta o professor apenas ouvir o aluno, e criar discussões para se tornar “democrático”, porque isso pode gerar comentários entre os alunos de que a aula toda foi apenas conversa. E, por isso é importante organizar tudo que fora abordado, e ver o propósito dessa discussão (KAERCHER, 2009).

E, além de registrar tudo que os alunos falam, os educadores devem buscar também instigar os alunos, fazendo questionamentos sobre o que fora apresentado. Ou seja, criando dúvidas que possam levar os discentes a pensar sobre a situação apresentada pela a mídia, por exemplo: “[...] é comum que nossos alunos, por influência de posturas sociais, digam: - os colonos sem-terra são todos uns vagabundos! [...]” (KAERCHER, 2009, p. 141) nesse ponto se poderia levantar vários questionamentos, levando os alunos a duvidar se a notícia condiz com a realidade. E de acordo com Sacramento (2015, p. 12):

O desenvolvimento do trabalho docente está muito além de uma reprodução de um determinado conteúdo, é uma busca por “construir” uma visão de mundo para que o mediado conheça os conceitos e o conteúdo de uma determinada disciplina, e saiba transpor esse conhecimento para o seu cotidiano.

Deste modo, é de suma importância a forma como essa mediação está acontecendo, não apenas preenchendo as lacunas. No entanto, apesar de deixar o tradicionalismo de lado se associa a uma aula, que a os olhos dos alunos é sem importância, do qual podem chegar a pensar “agente faz qualquer atividade e estamos de boa”. Sendo que mais vai diferenciar essa mediação é, primeiro apresentando a parte teórica, em seguida leva-los a uma compreensão realizando em uma aula prática, ou seja, buscando associar o conteúdo com vivência.

Portanto, de acordo com Oliveira e Kaercher (2016) a geografia como disciplina escolar só irá desenvolver nos alunos o interesse de estudá-la, e poder se aproximar mais de seus conteúdos, a partir de como os professores estão abordando suas aulas. Ou seja, a maneira pela a qual o docente desenvolve seu modo de trabalhar, pode influenciar muito no desempenho e no encanto do discente pela a disciplina. Contudo, isso só acontece quando o docente já está encantado pela a disciplina, mas se não houver o interesse de sua parte, não haverá resultado da outra parte.

Conforme Oliveira e Kaercher (2016) em uma de suas pesquisas sobre ensino de geografia, no qual analisaram as formas pela qual os alunos poderiam aprender Geografia. Porém, um dos meios mencionados pelos os alunos foram “as vídeo aulas”, e isso demonstra que os discentes estão ainda buscando decorar conteúdos, isso pelo o fato de vídeo aulas só abordarem conteúdos de preparação para o ENEM ou vestibular. Logo, na pesquisa os pesquisadores não notaram a importância dada pelos os alunos ao professor em sala de aula, desenvolvendo o diálogo.

Por outro lado, Andrade e Costella (2016, p. 107) discorre “desenvolver competências em sala de aula é possibilitar a ação dos alunos sobre o inédito, fazê-los compreender os processos que envolvem o aprender a aprender e instrumentalizá-los para o conhecimento”. No entanto, mostrar que os estudantes conseguem desenvolver algo extraordinário, e principalmente porque suas competências dependem de seus interesses em obter conhecimento. Por conseguinte, cada aluno compete contra ele mesmo, na busca pelo o conhecimento, e essencialmente porque o discente competente não se contenta com o pouco, percebera aprendizado em tudo quanto observar, ou melhor, não perdera as oportunidades. Ainda acrescenta Andrade e Costella (2016, p. 107):

No momento que o aluno atinge um patamar de complexidade que envolve o seu conhecimento, esta competência, que lhe dá autoria do conhecer, servirá de habilidade para que, junto com outras habilidades ele possa tornar-se mais competente ou competente em outra forma de discussão e ação.

Bom além disso, conforme Sacramento (2015, p. 13) “[...] o trabalho do professor é criar possibilidades de intermediar o conhecimento com o aluno, desenvolvendo ações pertinentes à construção do ensino das disciplinas escolares”. No entanto, para desenvolver seu processo de ensino dessa forma, os professores já devem ter adquirido experiências, principalmente no período de sua formação. E, também por sua experiência de trabalho em escolas, isso poderá contribuir bastante para o desempenho pedagógico do docente. E de acordo com Tonini e Kaercher (2015, p. 7):

Todos, temos capacidade para tal... Pensar, analisar, inventar e escrever, mas há que se exercitar. E isso não é só prazer. Raramente o è. É trabalhoso. E a languidez não combina com o ofício do docente pela simples razão de que nossos alunos nos movem e nos fazem mover.

Por esse olhar nenhum professor é incapaz de alcançar seus propósitos, basta apenas acreditar em si, e empenha-se em alcançar aquela aula. Mas inculcando em sua mente que não existe a sala de aula perfeita que muitos docentes procuram. E por isso é importante não se acomodar, mas, se esforçar para abordar os assuntos aos alunos de forma correta. Tal como apresenta Tonini e Kaercher (2015, p. 8) “[...] todo professor independentemente da faixa etária de seus alunos quer alimentá-los mas não com qualquer alimento e sim com um alimento saudável”.

Dessa forma, quem está preocupado com o ensino da ciência geográfica, vai esforçar-se para inovar os meios como está sendo transferidos os conhecimentos atribuídos a disciplina na escola. E também procurar aprimorar seus propósitos em uma escola que está estagnada, ou seja, totalmente parada, e que precisa de um deslocamento, no entorno correto das suas ampliações dos conhecimentos, que de fato se incluem uma extremidade de aprendizado (CASTROGIOVANNI et al, 2015).

No entanto, esse é o caráter do professor pesquisador, aquele que quer dar aulas inesquecíveis. Ressaltando que a partir do momento de sua entrada em sala de aula, o mesmo começará a construir seu perfil, seja para implantar o conhecimento saudável nos alunos, pelo que, esse aluno não esquecerá em nenhum momento de sua trajetória escolar daquele docente, ou para ser só mais um professor em sala de aula, e tornasse esquecido.

Diante dessa concepção do ensino-aprendizagem em Geografia na contemporaneidade, relacionada com as questões do presente, visando uma disciplina prospera nas escolas. Nesse sentido, o próximo capítulo abordará essa associação geográfica na EJA, como sendo um público diferenciado que necessita de uma atenção distinguida.

CAPÍTULO 2 – OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A partir da reflexão acerca do ensino-aprendizagem em geografia atribuído no capítulo anterior, neste segundo capítulo será primordialmente destacado um tópico sobre a EJA, visto que, terá argumentos teóricos sobre esse tema, sobre suas características, tendo em vista iniciar com um breve histórico de sua trajetória. Em seguida será apontado como a disciplina de Geografia, pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos da EJA, principalmente por ser uma disciplina integradora de conhecimentos, destacando algumas linguagens que se pode trabalhar na EJA e aprimorar o interesse do alunado.

2.1 Um ensaio histórico da educação de jovens e adultos no Brasil

A princípio a educação de adultos no Brasil conforme Strelhow (2010) já teve seus indícios desde o período colonial com a chegada dos Jesuítas. No qual a companhia de Jesus era responsável por alfabetizar os índios adultos na língua portuguesa e também instruir na fé. Mas “com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação” (STRELHOW, 2010, p. 51).

Dessa forma, a educação se volta para a elite daquela época, excluindo assim, os indígenas, e os negros, tendo em vista educar formalmente apenas os filhos dos colonizadores, nesse ponto a educação brasileira se torna dominada pela a classe dominante (STRELHOW, 2010). Posteriormente entre diversas questões relacionadas aos analfabetos, em que eram tidos como pessoas incapazes de pensar. Nessa concepção o mesmo autor relata:

Sob estas discussões a constituição republicana foi construindo-se e em 1891, o que era ruim ficou ainda pior, o voto foi restrito às pessoas letradas e com posses, uma pequena minoria. Agora estava garantida na lei a discriminação e exclusão da pessoa analfabeta. Ao invés de evoluir para uma democracia, reduzia-se à uma República dominada por poucos. O voto que anteriormente era restrito às pessoas que possuísem uma determinada renda, agora além da renda teriam de ser alfabetizadas. O movimento contrário à evolução é gritante, uma situação lastimável da república brasileira (STRELHOW, 2010, p. 51-52).

Neste ponto nota-se que a situação dos analfabetos se tornou em um quadro, mas pior do que o anterior, onde o preconceito contra as pessoas iletradas se

expandiu, em vez de se pensar em soluções para buscar alfabetizar esses sujeitos, pelo o contrário, os excluíram de votar. Ou seja, para se ter o direito ao voto precisava ser bem financeiramente e por fim alfabetizado. No entanto, conforme Quintão (2011) no início do século XX onde se começou enxergar o analfabetismo como algo que deveria acabar, e também que era através dos analfabetos que o Brasil estava com índice de desenvolvimento baixo. Sendo que, foi preciso empenha-se para alfabetizar mais indivíduos para colaborar com o crescimento econômico do país.

Por outro lado, de acordo com Strelhow (2010) percebe-se que a desatenção voltada para a educação no Brasil, levou a crescer incrivelmente o índice de analfabetismo alcançando até 72% no ano de 1920. Porém, “em 1934 foi criado o plano nacional de educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas” (STRELOW, 2010, p. 52), do qual, esse foi um dos primeiros planos educacionais brasileiros voltados especificamente para os jovens e adultos.

No entanto, o mesmo autor citado aborda que, apenas nas décadas de 1940 e principalmente na de 1950, que a educação de jovens e adultos se torna preferencial no plano do Brasil. Por outra ótica, enxergava-se que qualquer pessoa alfabetizada teria a capacidade de ensinar aos não alfabetizados como apresenta Almeida (2015, p. 1287):

Aceitava-se que ensinar a adolescentes e a adultos era mais fácil, mais rápido e mais simples, logo, qualquer pessoa podia desempenhar essa função. Se qualquer pessoa podia desempenhar essa função, não seria necessário formar e qualificar um profissional específico para tal. Se a função não requeria qualificação profissional, logo não seria necessária uma remuneração condizente com um docente preparado. Não foi por acaso que a campanha procurou recrutar um grande contingente de “voluntariado”.

Porquanto, Quintão (2011) retrata que, no ano de 1958 com efetivação do Segundo Congresso Nacional de educação de adultos, buscou-se soluções para essa educação, do qual Paulo Freire aborda seus argumentos, apontando ser importante procurar trabalhar esses educandos a partir de seu cotidiano, visando uma interação entre o educando e o educador. Dessa forma, a visão de Paulo Freire se expandiu pelo o Brasil, sendo aceita pelo o ministério da educação, onde o mesmo em 1963 ficou responsável em elaborar e aprimorar um Programa Nacional de Educação de Adultos.

Portanto conforme Haddad e Di Pierro (2000) nos anos entre 1958-1964, foram momentos relevantes para a educação de adultos, onde suas particularidades se tornara assumida, direcionando a condição de um procedimento próprio nos programas educativos e didático. Os mesmos autores complementam:

Á medida que a tradicional relevância do exercício do direito de todo cidadão de ter acesso aos conhecimentos universais uniu-se à ação conscientizadora e organizativa de grupos e atores sociais, a educação de adultos passou a ser reconhecida também como um poderoso instrumento de ação política. Finalmente, foi-lhe atribuída uma forte missão de resgate e valorização do saber popular, tornando a educação de adultos o motor de um movimento amplo de valorização da cultura popular. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113)

No entanto, com o golpe militar de 1964, todos os movimentos de cultura popular foram interrompidos, e os seus cooperadores foram presos, inclusive o professor Paulo Freire que infelizmente fora exilado. Como aponta Haddad e Di Pierro (2000, p. 113) “O Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido e desmantelado, seus dirigentes, presos e os materiais apreendidos”. Uma vez que, essa foi a reação do estado com relação a esses programas, isso pelo fato de seus ideais serem contrários aos militares, porém, muitos que estavam em prol da “educação popular”, continuaram seus objetivos as escondidas, apesar de inúmeros deles não resistirem e ser extinto, e outros os sucederam (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

Todavia, conforme Quintão (2011) a ditadura militar que perdurou de 1964-1985, implantou uma proposta de educação de adultos contrária à de Freire. Tendo sido caracterizado como Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), no qual não visava o sujeito e suas experiências vividas, pelo o contrário, buscava educa-los a partir do uso exclusivo de instigar o aluno a ler, escrever e a fazer cálculos. No entanto, com o fim do regime militar em 1985, também foi extinto o MOBRAL, sucedido pela a fundação EDUCAR, que também foi desfeita em 1990 (ALMEIDA, 2015).

Entretanto, nota-se que a trajetória da educação de jovens e adultos no Brasil passou por muitos contratemplos e reviravoltas. Por conseguinte, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB, visto que a EJA foi concedida como modalidade de ensino e, passaria a ser direito dos cidadãos ter acesso a essa educação em todas as regiões do Brasil (ALMEIDA, 2015). Ressaltando que o principal objetivo de alfabetizar esses jovens e adultos surgiu a partir da geração de lucro, ou seja, para que pudessem contribuir na produtividade, resultando no desenvolvimento do capital.

2.2 Reflexões da EJA com relação ao ensino regular atualmente

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que integra a educação básica voltada para as pessoas que não terminaram seus estudos na idade adequada. Conforme destaca a Lei e Diretrizes e Bases da Educação, no artigo 37, “a educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio da idade própria” (LDB, 2017, p. 30). Atualmente o ensino regular está voltado para crianças, adolescentes, jovens, índios, adultos, quilombolas dentre outros e a modalidade EJA atende mais adultos e idosos e, entre os grupos mencionados acima, a mesma atende quase todos menos “crianças” (FARIAS, 2012).

Observa-se que muitos educadores tendem a ter uma visão da modalidade EJA como algo “menor” em relação ao ensino regular. Como fundamenta Farias (2012, p. 5), “não é de hoje que muitas pessoas aqui se incluem professores, alunos, funcionários de educação que encaram a modalidade de jovens e adultos (EJA) como uma miniatura do ensino regular oferecido a crianças e adolescentes”. Muitos desses profissionais não enxergam as especificidades predominante na modalidade de ensino EJA.

Da mesma forma, acrescenta Ribeiro (2001, p. 10) que é necessário “firmar uma concepção de educação para jovens e adultos que não seja uma versão empobrecida do ensino regular e seus conteúdos “mínimos”. Nesse aspecto a autora em sua concepção quer tirar essa ideia que permeia o imaginário docente, buscando fixar um novo ponto de vista do que seria EJA e desqualificar a questão de “miniatura”.

Por outro lado, aponta Oliveira (2001) que muitos jovens e adultos que não terminaram seus estudos na idade regular não querem retornar à escola por terem seus pensamentos ligados ao “ditado popular do senso comum, que declara que depois dos 30 anos de idade não se aprende mais”. Porém, a mesma autora continua, não é a idade que determina o grau de aprendizagem dos seres humanos: todo ser racional tem capacidade de desenvolver seu entendimento para o aprendizado, a depender de uma boa saúde, alimentação e dentre outros fatores.

Além disso a educação de jovens e adultos, em sua composição, enxerga o adulto de uma maneira diferente dos jovens com o qual compartilha a sala de aula. Na visão voltada para o adulto, vê-se um cidadão que, muitas vezes, saiu da zona rural, não tendo muito conhecimento na vida urbana, geralmente uma pessoa iletrada

que foi habitar na cidade, trabalhando em qualquer emprego em busca de sua alimentação diária e que de certa forma, resolve voltar para a escola para concluir alguns anos dos seus estudos (OLIVEIRA, 2001).

Na ótica voltada para os jovens, tendo em vista que não são aqueles com uma boa trajetória de aprendizagem regular, tendem a ter mais facilidade em ingressar em ciclos mais avançados da EJA e podem chegar a concluir o ensino fundamental e médio (OLIVEIRA, 2001). Porém, tanto os jovens quanto os adultos estão na mesma situação de excluídos da escola regular. Conforme enfatiza Oliveira (2001, p. 16):

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.

Tendo em vista a condição de não-crianças, nos remete a pensar que a criança não tem um desenvolvimento psicológico com relação ao adulto, ou seja, o adulto já enfrentou muitas etapas de sua vida, apesar de muitos serem leigos, mas mesmo assim já obtiveram um trabalho e também muitos têm uma família para sustentar. Através da interrupção no ensino regular, os adultos e jovens tendem a ter um pensamento voltado para outras atividades, que os mesmos têm mais facilidades em dominá-las.

Quando se fala na questão de “excluídos da escola” não dizendo que a instituição possa impedir a entrada desses alunos, ou os proibir de estudarem de forma regular. E sim a visão que esses jovens e adultos possam ter da escola, dado que, apesar de poderem escolher em qual horário estudar, não se sentem acomodados no meio de crianças e adolescentes. Em muitos casos por vergonha e, principalmente, por focarem em sua idade um pouco mais avançada e, em outros casos, porque não tem tempo de estudar durante o período vespertino, apenas noturno.

Ainda conforme a citação acima na condição cultural, no qual na sociedade contemporânea muitos pertencem a diversos grupos culturais e isso nos leva a pensar que ninguém tenha um pensamento universal. Os jovens e adultos de acordo com o lugar onde estão inseridos, irão agir da maneira com o qual conhecem desde de criança, isso conforme sua cultura em diversos aspectos.

Dessa forma, a escola não pode buscar adaptar a Educação de Jovens e Adultos ao mesmo processo de aprendizagem que acontece no ensino regular. Ou seja, da mesma forma que existe um planejamento para a educação regular, deve se pensar em um planejamento adequado para a EJA. No qual acrescenta Farias (2012, p. 9):

A escola regular, oferecida a esses, não é apropriada para prover as necessidades educacionais dos jovens e dos adultos com defasagem escolar os quais já estão amadurecidos e engajados em uma prática social que inclui experiências saberes e responsabilidades, entre outras, de família, de trabalho e comunitárias. Dessa forma, a EJA não deve ter como mero objetivo um preenchimento de lacunas, com os conteúdos que o seu alunado teria deixado de conseguir na infância e na adolescência.

O autor faz menção à questão da escola voltada para a educação da EJA em busca de tirar essa adaptação de ensino regular, ou seja, onde a modalidade EJA possa obter seus próprios conteúdos, nos quais os alunos possam compreender melhor e também buscar chamar atenção para a permanência dos mesmos na escola. Mas isso acontece no momento em que a instituição reconhece esse aluno com suas diversas características próprias, onde na sala de aula eles possam expressar sua opinião. No qual a LDB regulamenta no art. 37:

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.
2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Essa lei, apesar de incentivar os trabalhadores a ingressarem na instituição escolar e a se firmarem na mesma, além de definir o poder público como estar garantido esse ensino gratuito para essas pessoas, ou seja, “[..] ele não detalha, como fazia o original dessa lei, quais são as ações que vão garantir a permanência dos jovens e adultos na instituição escolar” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 262).

É importante ressaltar que não se tem um currículo detalhando especificamente voltado para como se deve trabalhar na EJA, no qual a Base Nacional Comum curricular (BNCC) não especifica com exclusividade em nenhum dos tópicos sobre a EJA, todavia, a insere no contexto do ensino regular, dessa forma, excluí essa modalidade. Como discorre Sousa et al (2017, p. 7) sobre a BNCC:

o principal objetivo é ser um documento que conduza a construção dos currículos nas redes públicas e privadas em todo Brasil e quais os conteúdos devem ser trabalhados na educação básica, em suma, o objetivo é garantir que todos os estudantes tenham o acesso garantido aos conhecimentos fundamentais, todavia, não aborda nada significativo e marcadamente próprio relacionados à EJA. Percebe-se, então, uma exclusão velada dos sujeitos que dependem da referida modalidade.

Logo, os professores ficam responsáveis por criar meios de conseguirem a permanência dos discentes na escola, mas “é sabido que em uma boa parte das escolas, logo após as férias do mês de junho um número significativo de alunos não retorna as aulas, causando o fechamento de turmas no ensino noturno” (LIMA, 2004, p. 42). De acordo com a autora, principalmente alunos do turno da noite, geralmente alunos da EJA, estudam até o mês das férias e depois desistem, não havendo mais motivação para continuar o ano letivo. Assim, muitos professores se culpam em frente a essa situação, apesar dos mesmos fazerem o possível para os manterem na escola.

Outro fator existente é que na maioria das vezes os professores da EJA são recém-formados, sem nenhuma experiência ou, em outros casos, são professores que atuam no ensino regular e em outros turnos (VOVIO, 2001). Sendo que esses educadores que trabalham em muitos horários e acabam ficando sem tempo nenhum de pesquisar materiais e de organizarem suas aulas: aproveitam as aulas planejadas para o ensino regular e desenvolvem na EJA, onde muitas vezes os discentes não compreendem a aula pelo o fato do assunto ser muito complexo.

Por outro lado, nota-se que professores que trabalham com crianças e adolescentes no ensino regular têm mais facilidade de apresentar os conteúdos. Com relação a EJA, muitos professores têm um pouco de receio em expor o conteúdo proposto e aqueles alunos não interagem durante a aula, ou seja, as ações do professor devem ser analisadas minuciosamente para não haver desfalque na turma; dessa forma, busca-se, no meio escolar, formas que possam contribuir com a permanência do aluno na escola (LIMA, 2004).

Segundo Vovio (2001, p. 126) “outro aspecto relevante é que a maioria dos professores que trabalha nesses programas não lidou em sua formação inicial, com disciplinas voltadas ao atendimento das especificidades do processo de aprendizagem de jovens ou adultos”. Ou seja, há uma necessidade para esses professores de antes de ir à sala de aula EJA obter um conhecimento em sua formação sobre essa modalidade.

Por outro lado, a escola proporciona um encontro de diversas culturas no ensino da EJA, isto é, jovens, adultos com seus pensamentos diferenciados e cada um com seu desempenho intelectual. Contudo, agora habitam na mesma sala de aula, tendo que se adaptar cada qual com suas crenças, valores, costumes, principalmente buscar respeitar um ao outro, e dentre outras questões. Dessa forma, nota-se que o jovem vai ter que interagir com o adulto, e o adulto vai ter que buscar compreender esse jovem. No qual acrescenta Oliveira (2001, p.41) “a escola voltada à educação de jovens e adultos, portanto, é ao mesmo tempo um local de confronto de culturas [...]”.

No entanto, segundo Duarte et al (2004, p. 100), “a inserção da escola no contexto da EJA tem promovido interações entre os alunos e entre alunos e professor”. Ou seja, trazendo de volta aquela familiaridade que existia e que agora está ressurgindo com a interação entre novos colegas, que passaram pela mesma experiência e que hoje podem ser compartilhadas entre ambos, tanto com aluno ou com o professor.

Nesse contexto a EJA é de fundamental importância, mas sabemos que da mesma forma que no ensino regular existem alunos interessados, também existem aqueles “sem compromisso” e isso não é diferente aqui. Principalmente nessa modalidade de ensino, muitos alunos tendem a ser “duros” (SANTOS, 2004), ou seja, não demonstram interesse por aquilo que os professores expressam. Às vezes, esse alunado só atrapalha os demais colegas e não conseguem avançar para o próximo ciclo.

Todavia, conforme Silva (2014) apesar de se notar que melhorou muito a educação de jovens e adultos, convém lembrar que essa modalidade necessita de uma atenção especial voltada para a si, não apenas visando o ensino regular: deve buscar investir nessa modalidade em materiais propícios para essa área e investir em professores capacitados e competentes, ou seja, tendo em vista melhores condições de estudos.

Salientando que, atualmente na EJA está aumentando imensamente o número de jovens, onde o interesse por essa modalidade se amplia, visto que, muitas vezes esses educandos enfrentaram anos de repetência e, preferem buscar terminar rápido seus estudos ingressando na EJA e, entre outros casos sentem-se deslocados. Posto que, os jovens não se adequam aquele ambiente escolar regular os levando muitas vezes a falarem: “professora, eu era a mais alta da turma!” “professora, só tinha

criança na minha sala, eu não tinha com quem conversar!”(BRUNEL, 2014, p. 13). Nesta perspectiva acrescenta Brunel (2014, p. 43):

O número cada vez maior de jovens que opta pela EJA, vem chamando atenção dos educadores que trabalham nessa área, pois se observa que esta alternativa está sendo cada vez mais procurada para a conclusão dos estudos do ensino fundamental e médio de adolescentes e jovens, na faixa dos 15 aos 25 anos e das mais diferentes classes sociais.

Um dos fatores interessantes ligados a EJA como apresenta Brunel (2014) está relacionada a esses jovens, que ao olhar social são considerados pessoas fracassadas, principalmente por terem repetidos várias vezes o mesmo ano. A vista disso, a autora citada complementa em uma pesquisa realizada, na qual percebeu que a realidade não era bem assim, mas que, esses alunos que estavam na EJA passaram por diversos momentos de dificuldades, e não são fracassados, mas vivenciaram episódios de frustrações que os levaram a repetência e conseqüentemente um atraso em seus estudos.

Contudo, diversos docentes se esbarram numa situação de jovens desestimulados, por um quadro de repetência, os levando a se diminuírem e sentirem-se inferior aos seus semelhantes. Sendo que, isso pode se transformar em um obstáculo para o seu desenvolvimento escolar, os impedidos de conseguirem se conectar a aula e compreender o que está sendo exposto. Como aponta Brunel (2014, p. 24) “[...]na maior parte das vezes, atribuem exclusivamente a si um fracasso que não é só deles. O problema é que tal fato pode se constituir num entrave para um possível sucesso escolar”.

Deste modo, admitir que esses jovens e adultos são sujeitos produtivos, ou melhor, que são capazes de alcançar seus propósitos, os farão se sentir inclusos no meio escolar, possibilitando no aumento de sua motivação em estudar. E, os mesmos encontrarem no espaço escolar essa desconstrução da visão social sobre si, podendo se sentirem acolhidos pelo os educadores ali presentes.

2.3 O ensino-aprendizagem em geografia na EJA: possíveis soluções metodológicas.

A Geografia apresentada na educação de jovens e adultos deve focar-se na realidade do aluno, a partir das percepções do lugar onde estão inseridos, tendo em

vista seus trabalhos, experiências vividas e seu cotidiano. Dessa forma, o alunado poderá se sentir mais confortável em sala de aula e esse ambiente será mais prazeroso de estar, no qual beneficiará tantos os discentes como os docentes no processo de ensino aprendizagem. Como caracteriza Lima (2004, p. 44):

Buscamos promover uma aprendizagem nos alunos que os possibilite agir em sua própria realidade, transformando-a, e esta transformação só será possível se o aluno se descobrir aprendiz a cada dia, considerando que as realidades não são estáticas e que o conhecimento é uma construção diária.

Nesse âmbito, o processo de ensino efetuado na escola, abordado por Chalita (2015, p. 144) “[...] é uma construção lenta e gradual, assim é como compreendo os processos de aprendizagem e ensino, em que não há uma receita perfeita, o mais importante é tentar acertar e refazer o que não deu certo”. Assim, esse processo não se apresenta em grande rapidez, de fato, deve ser realizado vagarosamente. Contudo, esse ponto apresentado remete principalmente ao corpo docente, que não é a partir da pressa que irá conseguir trabalhar de maneira compreensível em meio ao alunado, mais gradativamente e sempre buscando acertar.

Por outra ótica, Tonini e Kaercher (2015) retratam ser importante a escola tratar sobre o preconceito, que muitas vezes podem abordar que não existe, mas que na realidade é um conceito que permeia a sociedade. Um dos exemplos que os autores usam é sobre a questão dos indígenas, que muitos cidadãos os têm, como o “bicho do mato”, por simplesmente viver no senso comum. E, essa discriminação contra os índios se estende também aqueles índios que querem fazer parte da sociedade tecnológica, que usam celulares, roupas, sapatos. Nesse sentido, o preconceito se ligar ao fato do indígena não está nu, com penas ou pintado.

Outros temas também que os autores em questão colocam que se pode trabalhar em debates nas aulas de Geografia, é sobre a homofobia, racismo, preconceito contra os mais velhos, contra algumas manifestações religiosas, etc.). Sendo que, é importante aborda-los na escola pelo o fato dos alunos comentarem bastante nos corredores da instituição e, por verem sempre em sites da internet ou televisão, sendo que esses temas fazem parte do dia-a-dia das pessoas, ou melhor, dos seus cotidianos. Nesse contexto Tonini e Kaercher (2015, p. 59) discorrem:

[...] é preciso que nós, educadores, coloquemos estas questões em pauta e de forma organizada, para ampliar nossa capacidade de entender o outro, o diferente; construir um pensamento alargado que vá em direção a uma

sociedade mais inclusiva e menos intolerante com o outro; que a educação ajude a contribuir com a formação de um cidadão com valores éticos e estéticos ampliados; que saiba lidar com as informações 'técnicas'.

Nessa concepção, a disciplina Geográfica prioriza a importância do aluno em estudar tanto sua localidade, quanto ao país ou mundo, de uma forma que os discentes da EJA possam fazer associações entre ambos e notar as diferenças e semelhanças existentes. No qual ressalta Cavalcanti (2008, p. 11):

A geografia é uma ciência que estuda o espaço na sua manifestação global e nas suas manifestações singulares sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser apresentados para ser trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local.

No entanto, cabe à Geografia abordar conhecimentos relacionados com o que acontece atualmente na sociedade com o objetivo de formar cidadãos críticos, ou seja, instigar o alunado da educação de jovens e adultos a pensar de maneira crítica. Conforme Cavalcanti (2008, p. 8) “os objetivos do ensino de geografia, nesse eixo, estão, portanto, voltados para a formação da cidadania, destacando-se, nessa formação, o desenvolvimento da consciência da necessidade de luta pelo o direito à cidade”.

Ainda se ressalta que o ensino de Geografia na EJA deve buscar essa formação da cidadania, onde possa fazer com que os alunos compreendam a cidade em que vivem, seus direitos e deveres, acarretando no conhecimento das exigências apresentadas pela a sociedade globalizada. Todavia, esses alunos buscarão respostas para seus questionamentos, pesquisando, perguntando ao professor e, dessa forma, poderão obter uma melhor compreensão.

Portanto, a Geografia atualmente busca outras apreensões, um olhar mais integrador, sendo mais compreensiva e mais aberta às perspectivas de outras ciências, no qual fundamenta Cavalcanti (2008, p. 19): “seja numa perspectiva ou noutra, parece que na geografia não se admite mais excluir as diferentes compreensões explicações, determinações da configuração do real, simbólicas, econômicas ou naturais”. Sendo assim, a Geografia busca fazer uma associação com outras disciplinas para que possa aperfeiçoar cada vez mais suas linhas de estudos.

Ao professor de Geografia na modalidade EJA, é de essencial importância buscar inovar suas aulas, adaptando-as à realidade do aluno bem como obter uma carga de leitura do lugar sob apreciação autêntica e coordenada, dos diálogos, elaboração de anotação e de análises em diversas fontes, de como se encontra a

verdadeira situação dos bairros ou das cidades (PONTUSCHKA; PAGANELLI e CACETE, 2009).

Lima (2004) traz o relato de suas experiências na educação de jovens e adultos, nas quais enfrentou dificuldades, mas sempre buscava aperfeiçoar suas aulas, onde procurava fazer algo diferente que pudesse chamar atenção dos alunos. Porém, a autora fez com que, em uma de suas atividades, os discentes falassem de um acontecimento estranho acontecido em suas vidas. Sendo assim, todos fizeram seus relatos de sua maneira, ou seja, a professora deu a oportunidade de eles mostrarem suas habilidades.

Semelhantemente, Kaercher (2009) em uma de suas aulas de geografia explana uma atividade em que realizou com seus alunos, onde deveriam entrevistar os idosos com mais de 65 anos, com intuito de conhecerem um pouco da história do lugar onde vivem. E assim, perguntar sobre as modificações que foram feitas na paisagem, conforme os anos, e dessa maneira o aluno vai conhecendo seu espaço, até mesmo as formas pela a qual aquela cidade surgiu, como se chamava? O por que desse nome? E diversas outras indagações levantadas.

Ainda Kaercher (2009) expõe outra atividade na disciplina geográfica relacionado a música, no qual propõe para os discentes escolherem uma música, que seja principalmente relacionada a natureza, ou que evidencie a sociedade. Dessa forma, ele diz que mesmo sabendo que essa atividade poderia proporcionar resultados irrelevantes, mas que, também sabia que poderia ocasionar em efeitos relevantes. Nesse ponto, poderá proporcionar uma aula enriquecedora e interativa para os jovens e adultos.

Da mesma forma Chalita (2015) narra sua experiência como professora desde o início de sua atuação em sala de aula, na qual a mesma em suas aulas de geografia, procurava sempre trazer o novo. E felizmente percebia os resultados, a partir das observações que fazia no alunado, notando que ao chegarem na escola, já esperavam algo diferente. No entanto, em relação a questão de inovação a autora ressalta a importância de se trabalhar com o lúdico nas aulas de geografia, posto que, a sala de aula deve ser um ambiente alegre e interessante conforme aponta Lima (2004, p. 45):

A sala de aula não pode perder a sua poesia, deve ser sempre um ambiente agradável, lúdico, de prazer, de criatividade, um estímulo para a ação, um lugar fecundo de aprendizagem para docentes e discentes.

Semelhantemente Bezerra et al (2011) expõe que muitos estudantes que frequentam a EJA trabalham, e muitas vezes as metodologias aplicadas pelo os docentes, não estão sendo bem atendidas pelo os discentes. Porquanto, muitas vezes esses fatos ocorrem, pelos os educandos estarem cansados fisicamente. E dessa maneira, professores devem buscar retroceder esse quadro, trazendo novidades para sua aula, ou melhor, algo que possa manter os educandos atentos. E nesse contexto o mesmo autor acrescenta:

Os professores alegam que os estudantes não participam das atividades propostas em sala de aula, ou trabalham com as condições vigentes a essa realidade, produzindo atividades que não condizem como ideais para formação dos estudantes (BEZERRA et al, 2011, p. 8).

Além disso, um professor de Geografia na EJA deve procurar meios de mudar suas aulas, levando em conta um público diferente do ensino regular, principalmente quanto a chamar a atenção deles. Tendo em vista filmes, por exemplo, juntamente com os discentes, poderá escolher materiais compatíveis com o planejamento da disciplina escolar (PONTUSCHA; PAGANELLI e CACETE, 2009).

Apesar do filme não ser capaz de explorar a geografia do Brasil em toda a sua complexidade, é por meio do cinema que se pode motivar docentes e discentes a se aperfeiçoarem, com o auxílio de outras linguagens, na aprendizagem da Geografia de um país (PONTUZCHKA; PAGANELLI e CACETE, 2009).

Sobre o mesmo ponto de vista, o professor pode modificar suas aulas, trabalhando com tecnologias, especialmente se a escola oferecer tais materiais, principalmente porque “com a crescente massificação dos recursos tecnológicos (meios de comunicação, eletroeletrônicos) as mídias virtuais se tornaram uma constante realidade na vida do aluno do terceiro milênio” (SANTOS; PINTO e GALDINO, 2015, p. 171).

É importante que o docente utilize de ferramentas como data show e internet para mostrar as imagens dos relevos por exemplo, e também de outros conteúdos, podendo proporcionar uma aula visual, e assim os alunos poderão adquirir, mais conhecimentos para seu cotidiano, e também passando a enxergar a aula de geografia com outros olhos. Dado que, desde a terceira revolução industrial a informação passou a ser uma peça fundamental para se conseguir um trabalho, e focando nos alunos da EJA onde muitos deles retornam a estudar em busca de se profissionalizar, e conseguir um emprego, deste modo, com essas aulas modernas

poderão contribuir bastante para seus desempenhos intelectuais (SANTOS; PINTO e GALDINO, 2015).

Salientando que a rede social atualmente vem fazendo parte das vidas das pessoas, até daqueles que possuem uma pequena renda, mas, de alguma forma fazem parte dessa população tecnológica. Nesse ponto, os professores podem aproveitar desses recursos tecnológicos para alterar seu modo de ensinar, mas tendo em vista aumentar os conhecimentos dos discentes (SANTOS; PINTO e GALDINO, 2015).

Portanto, mediante a era da tecnologia e da informação, aquelas pessoas que não fazem parte desse patamar, ao olhar social se torna atrasado, ou seja, seu conhecimento se torna desatualizado. De fato, para os docentes a tecnologia se torna uma técnica esplendido nas aulas, porém, muitos professores podem chegar a não usar pelo o fato de não terem muito domínio, e isso pode se tornar para os mesmos um desafio de mudança. No entanto, essas dificuldades surgem pelo o modo como os mesmos foram ensinados no tradicionalismo (SANTOS; PINTO e GALDINO, 2015).

E nesse ponto, muitos educadores preferem as aulas normais, principalmente por gerar uma insegurança de sua parte em utilizar essas ferramentas ou se sentir desconfortável. Geralmente um professor se sentir seguro do que faz, e quando sugerem que mude para algo diferente, muitos preferem continuar do modo como estão. No entanto, ressaltando o que já fora mencionado que é de suma importância que o docente de geografia na EJA busque trabalhar com novas metodologias, principalmente se a escola fornecer essas ferramentas. Nesta visão salienta-se que:

[...] no mundo globalizado o professor não é mais o único detentor das informações que os alunos necessitam, reforçando a sua necessidade de tornar-se um profissional atualizado e capaz de adaptar-se à escola que está centrada em formar profissionais para viver em uma sociedade sedenta por conhecimento. Muitas dificuldades enfrentadas no dia a dia do professor de geografia podem ser superadas com o uso da TICs, trabalhar alguns conteúdos geográficos sem ter a imagem, a representação do real dificulta a compreensão do aluno e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem (SANTOS; PINTO e GALDINO, 2015, p. 172-173).

O alunado da EJA apresenta um diferencial gigante em relação aos alunos do ensino regular. Por outro lado, sabe-se que todos os estudantes, necessitam de novas tecnologias em sala de aula, ou melhor, novas linguagens que possam chamar atenção dos mesmos. Porém, dando um destaque para a EJA, tendo em vista que

são jovens e adultos que necessitam de uma atenção redobrada, além do mais, nas aulas de Geografia nessa modalidade é sempre mais relevante levar o novo.

Mediante a esse modelo de aula renovável podendo ocasionar que, esses discentes permaneçam em sala de aula, e de certa forma, faze-los sentir vontade de voltar no outro dia e, também poderá ser uma estratégia para diminuir a evasão escolar no ensino noturno. Diante disso no próximo capítulo será abordado as experiências vividas na prática, realizadas na Escola Municipal Presidente José Sarney.

CAPÍTULO 3 – DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOSÉ SARNEY

Mediante o exposto busca se obter um aprofundamento nas ideias, a partir das experiências na escola, deste modo, realizando a junção entre teoria e prática. Nessa ótica, esse capítulo foi desenvolvido com base na pesquisa realizada na Escola Municipal Presidente José Sarney, tendo como foco as turmas de EJA do Ensino Fundamental II, abrangendo os ciclos III (6º e 7º ano) e o IV (8º e 9º ano).

Obtendo como fundamental as observações das aulas de geografia e, por fim, aplicação de questionários para professores e alunos, com intuito de compreender a realidade geográfica nessa instituição, e a vivência dos educadores e dos educandos na EJA.

3.1 Caracterização da Escola Municipal Presidente José Sarney

A Escola Municipal Ensino Fundamental Presidente José Sarney está localizada na zona rural no município de Cacimba de Dentro - PB, a qual situa-se no Distrito de Logradouro, na rua São Francisco (ver Figura 01). Possuindo 396 alunos matriculados, abarcando 29 professores, contendo apenas dois docentes de geografia. Atualmente a instituição é administrada por 3 gestores e, 3 secretários divididos nos três turnos.



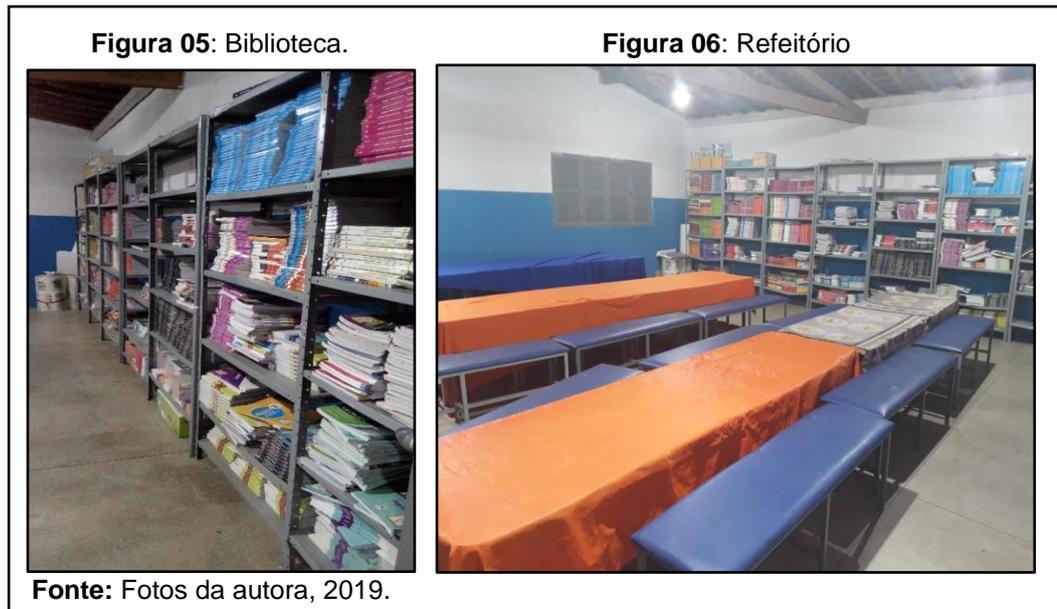
Em relação a sua estrutura física, a escola conta com 8 salas de aula, onde há carteiras e mesas suficientes para todos os alunos e professores. Há banheiros, bebedouros e pátio, estando em estado satisfatório (ver Figuras 2, 3 e 4).



A escola também possui sala de professores e sala da direção, ambas possuem um único computador disponível da escola, no qual os docentes podem se utilizar diariamente para fazer pesquisas, registrar suas aulas, tirar xerox e imprimir atividades, salientando que, nessa instituição a secretária e a direção compartilham o mesmo espaço.

As salas de aula contam com uma boa iluminação e ventiladores disponíveis, raramente ocorre barulho externo nas aulas. O período noturno é muito tranquilo se comparando com a tarde, por causa do menor número de alunos. Salientando que a escola também possui cozinha, almoxarifado, data show, televisão e auditório. A escola possui quadra de esporte, sendo a mesma acessível para toda população, não apenas ao alunado.

A instituição também conta com uma biblioteca (ver Figura 5) onde os livros estão disponíveis para os discentes e docentes que pretendem usufruí-los. No entanto, o ambiente não é tão favorável para a leitura e concentração, devido ao espaço dividido com o refeitório da escola (ver Figura 6), por outra ótica, não apresenta uma boa literatura disponível, apenas dispõem de uma pequena parcela de literatura infantil e os livros didáticos, onde alguns estão retalhados.



Na instituição há Projeto Político Pedagógico (PPP), mas, não se sabe o ano de sua elaboração, e nem quais foram os seguimentos de produção, todavia, no início do ano letivo todos professores, diretores e coordenadores se reúnem para elaboração do planejamento anual.

No Ensino Fundamental II EJA a carga horaria é de 25 aulas semanais, sendo distribuídas em 6 aulas de Português, 5 de Matemática, 3 de Ciências, 3 de Geografia, 3 de História, 2 de Inglês, 2 de Artes e 1 de Educação Física. Distribuídas em 41 semanas e 205 dias letivos. As aulas duram cerca de 35min cada, e também começando a partir das 19h.

A escola funciona durante os três turnos, nos turnos manhã e tarde trabalha-se com os alunos do ensino fundamental I e II regular, e a noite com os alunos da EJA, obtendo os Ciclos I (1º, 2º e 3º ano), Ciclo II (4º e 5º ano), Ciclo III (6º e 7º ano) e o Ciclo IV (8º e 9º ano), sendo distribuídas em apenas quatro salas de aula. A formação das turmas da Educação de Jovens e Adultos é anual, onde antes os alunos concluíam suas respectivas séries em 6 meses, agora estão inseridos em ciclos anuais.

3.2 Análise e discussão dos dados

Para a pesquisa de campo foi necessária a realização das observações das aulas de Geografia na EJA, que durou três semanas no turno da noite, sendo óbvio a predominância de um público de alunos bem menor. Sendo que, as aulas se iniciam

as 19 horas, porém, nota-se uma falta de comprometimento dos discentes, que infelizmente resulta na acomodação docente. De outra forma, resultando também em um desfalque nas aulas, onde apenas se dará início às 19:30 da noite, visto que, o tempo já é bastante reduzido tendo um encaminhamento até as 21 horas.

A pesquisa se aplicou ao público de EJA do ensino fundamental II, no Ciclo III (6º e 7º ano) e Ciclo IV (8º e 9º ano). Enfatizando que, no Ciclo III consta-se apenas seis alunos matriculados, onde geralmente frequentam apenas 3 a cada dia e, no decorrer das observações percebe-se que havia apenas um aluno frequentando as aulas de Geografia. É importante mencionar que, não acontece frequentemente apenas na disciplina em questão, mas, também nas outras efetuadas. Por outro lado, no ciclo IV a uma quantidade de discentes mais elevada em relação ao outro citado, contemplando 12 alunos matriculados e geralmente costuma frequentar 10.

Portanto, as primeiras aulas de geografia observadas aconteceram no dia 9 de setembro de 2019, no qual a docente efetuará 5 aulas. Todavia, no primeiro horário as 19 horas, a aula estava direcionada ao ciclo 3, mas a docente depara-se com uma sala vazia, sem nenhum aluno presente, assim, a mesma vai apenas aguardar suas próximas aulas no outro ciclo.

Dessa forma, as aulas no ciclo IV dar-se início as 20:15 minutos, onde a docente entra em sala, estando presentes nove alunos. A professora começa a escrever no quadro o conteúdo sobre globalização e a turma em perfeito silêncio, ouvia-se algumas reclamações pela quantidade de texto, contudo, a docente permaneceu até ao término da aula escrevendo.

Nessa continuidade, as próximas observações ocorreram no dia 16 e 23 de setembro de 2019. Onde no Ciclo III havia apenas uma aluna, e a docente passou 10 questões para mesma responder pelo o livro didático, tendo se prolongado para duas semanas, porque a aluna apenas respondia em sala de aula. E, no ciclo IV a docente também passou 10 questões relacionadas ao assunto globalização, que se estendeu por duas semanas os mesmos respondendo.

No entanto, na equipe docente presente na modalidade EJA nos ciclos III e IV, abrange 4 professores atuando no momento, sendo composto por 3 mulheres e um homem. Na qual se dividi entre os mesmos duas ou três disciplinas para executarem em sala de aula, sendo que, eles trabalham apenas no turno da noite.

Frisando que, a maioria dos docentes não tem formação, apenas a docente de geografia, que é graduada na referida componente curricular. Porém, a mesma

atua na EJA como professora de Geografia e História. Por outro lado, os alunos da EJA são a maioria do sexo masculino, dentre os que contribuíram para a pesquisa, suas idades estão entre 16 a 43 anos, por conseguinte, percebe-se a predominância de um número de jovens mais elevado no ensino noturno.

Nesta perspectiva, para compreensão do leitor da referida descrição das análises dos questionários e tendo em vista 4 professores, utilizaremos, para a identificação a linguagem: professora de Artes, professor de matemática, professora de português e professora de geografia. E referente aos discentes como foram 9 alunos, se usará a numeração de 1 a 9.

Entretanto, a primeira análise a ser elaborada corresponderá ao questionário direcionado a professora de geografia e, em seguida 6 questões do alunado, conforme a educação geográfica, e por último o questionário direcionado a todos os docentes da EJA que atuam no ensino fundamental II, incluindo assim a docente de geografia que também participou dessas indagações e, seguidamente interligando à 4 questões dos alunos, de acordo com sua vivência como estudantes da EJA.

Contudo, uma das primeiras questões direcionada a professora de geografia se refere a sua visão mediante o papel do conhecimento geográfico na escola. Onde a mesma relata que “a geografia serve para formar os alunos enquanto cidadãos pensantes, conscientes dos seus atos, que além de conhecer seus deveres na sociedade, também aprendem a lutar pelos seus direitos”. Percebe-se em sua colocação uma resposta consciente e compreensível, interligando a cidadania como sendo de suma importância na compreensão dos alunos nas aulas de geografia.

Na outra indagação abordada, foi como a docente consegue trazer o alunado da EJA para realidade em que vivem? Todavia, a professora de geografia expõe que, em certas ocasiões é possível conciliar o conteúdo com a realidade do aluno, fazendo com que o alunado possa expressar sua visão acerca do que está em abordagem. Porém, a mesma acrescenta que, depende do conteúdo que está sendo ensinado, onde nem todos proporcionam essa associação e, também depende da turma trabalhada.

Na questão, em sua graduação você teve algum componente curricular que abordasse a EJA? A mesma relatou que não teve em nenhuma disciplina especificamente falando sobre essa modalidade de ensino. Dessa forma, nota-se uma ausência da universidade na formação inicial docente relacionada a esse ponto, onde os graduandos sentem a necessidade de um aprofundamento no conhecimento EJA,

ou seja, as componentes curriculares que trabalham com a área de educação, poderiam buscar dar um pouco de ênfase a esse assunto e, podendo trabalhar com textos referentes. Afinal, muitos terminam sua graduação se deparam com uma turma de EJA.

Por outro lado, essa outra pergunta é bem interessante onde especifica, qual a metodologia e material utilizado nas aulas de geografia pela docente em questão? Nesse viés, a professora de geografia respondeu da seguinte forma:

O material utilizado na maioria das vezes é o livro didático, procuro fazer pesquisas para complementar os conteúdos, já que os livros referentes a EJA são bem resumidos. As aulas geralmente são expositivas e dialogadas, pois os alunos não são muito receptivos a novas metodologias, mesmo assim, procuro trazer vídeos, documentários ou filmes, dependendo do conteúdo que esteja sendo aplicado (professora de geografia, 2019).

Diante disso, nota-se a predominância do livro didático utilizado nas aulas de geografia. No entanto, diante da resposta docente observa-se seu esforço em buscar trazer alguma inovação para sua aula, mesmo sendo difícil trabalhar com o público EJA. Todavia, nas observações constata-se que a professora resume o conteúdo com precisão para aborda-lo, contudo, a aula é apenas conteúdo, os alunos escrevem bastante. Nesse contexto é relevante enfatizar que:

Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla (CAVALCANTI, 2010, p. 3).

Nessa ótica, um docente para conseguir os olhares dos discentes em direção a sua aula, deve se perguntar principalmente o que irá destacar para os alunos nas aulas de geografia, ou melhor, o que será preferencial enfatizar nesse ambiente escolar, tendo em vista que, esse público tem um histórico cotidiano diferencial.

Entretanto, nesse seguimento interliga-se a visão discente, onde a primeira pergunta direcionada aos estudantes fora, quais as suas maiores dificuldades em entender os conteúdos de geografia? Dessa forma, 1 dos alunos deixou em branco, 4 responderam que não tem nenhuma dificuldade, 3 dos alunos responderam “falta de atenção” de sua parte, e 1 relatou que “são conteúdos muitos extensos”.

Nesse contexto, é notório o desinteresse por falta dos estudantes EJA, mesmo a grande maioria não obtendo dificuldades, esse é um dos pontos que se constata nas observações, principalmente por a maioria ser jovem, mas, o que

realmente atrapalha é a falta de interesse como já fora mencionado, desmotivando a professora.

Em seguida, questionou-se “se eles gostam de geografia e porquê?” Assim sendo, 7 dos alunos responderam que gostam muito, mas, não justificaram sua resposta, apenas expressaram ser importante, os outros 2 alunos colocaram “não pois escrevemos muito”. Mediante as respostas, nota-se que a maioria dos alunos gostam da disciplina, porém nas observações as reclamações eram constantes.

Nessa continuidade, a outra questão interliga-se mais uma vez aos conteúdos geográficos, onde se questionou se os conteúdos apresentados pelo professor de geografia aproximam-se do lugar onde vivem? Assim, 8 alunos responderam que sim e apenas 1 disse não. Dessa maneira, conforme as respostas abordadas o professor consegue associar os assuntos com a realidade do alunado. Já na visão docente apresentada em parágrafo anterior, a mesma relatou que nem sempre consegue conciliar os assuntos com o cotidiano. E, nas observações não se presenciou em nenhum momento a docente fazendo essa associação.

Partindo dessa situação, indaguei os alunos sobre como a professora de geografia poderia fazer para melhorar suas aulas? No qual as respostas foram diversas, onde 3 dos alunos responderam que as aulas estão ótimas, 2 abordaram que precisam de mais “atenção” por parte da docente para com eles, 1 deles apontou que “a professora de geografia deve chegar mais cedo”, 1 sugeriu “ser mais dinâmica” e outros 2 questionaram novamente que a professora teria que escrever menos.

Diante das respostas acima, presume-se que os estudantes estão necessitando de mais atenção por parte da docente e a mesma poderia escrever menos conteúdo e buscar conversar mais com eles, tentando trabalhar com debates sobre assuntos do dia-a-dia. Nas observações, nota-se que a professora escreve bastante, e na sala de aula não há diálogo entre professor e aluno, apenas conteúdos e questionários para responderem.

A próxima pergunta se liga à questão de “quando se fala em geografia o que te faz lembrar?” Algumas das respostas foram diferenciadas e outras parecidas, onde 4 não responderam, 2 alunos mais uma vez citaram que “mim lembro em escrever bastante”, 1 relata que lembra de “globalização”, outro aborda “geografia lembra natureza”, e um relata “que geografia tem a ver com dados Geográficos”. Nesse cenário, das diversas respostas compreende-se que poucos alunos da EJA

conseguem ligar a disciplina a uma palavra que esteja interligada a seu ensino, ou seja, a maioria não compreende do que a geografia se trata.

Para a pergunta “você acha a disciplina de geografia importante? Porque?” as respostas foram todas parecidas, onde os mesmos responderam ser muito importante, porém, não apresentaram argumentos explícitos para esclarecer essa importância na escola, no qual 2 alunos falaram que “tudo se aplica a geografia” outro aponta que “fala sobre os tempos” um dos alunos disse “eu acho a disciplina muito é boa”. Desta forma, pressupõe que a maioria dos alunos da EJA acham essa disciplina importante, logo, é predominante a falta de conhecimento acerca da mesma, onde se presume que esses estudantes não sabem nem para que serve.

Diante desse cenário, apresenta-se as análises feita na visão dos 4 docentes da EJA, a partir da sua convivência com esse público, onde uma das questões fora: Você gosta de trabalhar na educação de jovens e adultos? A vista disso, as respostas de 3 professores foram apenas sim, porém, a professora de artes responde que sim, mas, dando um embasamento em sua posição, apontando que:

Trabalhar com jovens e adultos é conhecer diversas histórias, oportunidades, amizades, respeito e principalmente ter empatia pela a história do mesmo (professora de artes, EJA, 2019).

Dessa maneira, é evidente a afinidade da professora de artes por esse alunado, onde percebe-se que a mesma se dispõe a escutar os alunos, e até desenvolver amizade com os mesmos. Essa é uma das características importantes para esse público, onde muitos gostam de atenção. Assim sendo, para a pergunta, “na sua opinião, quais são as maiores dificuldades apresentadas nos alunos da EJA?” As respostas dos docentes foram diversas, no qual o professor de matemática atribui ao cansaço do dia-a-dia, resultando na falta de tempo em rever o conteúdo e a professora de português retrata a falta de interesse por parte dos alunos. As outras docentes descreveram da seguinte maneira:

As maiores dificuldades encontradas na EJA tratam-se principalmente da grande variação de idades entre os alunos nas turmas que encontramos desde jovens de 16 anos até senhoras com 50, sem contar com as diferenças de níveis de aprendizagem, leitura e escrita (professora de geografia, 2019). A comunicação, o respeito pelas diferentes idades na sala de aula, a aprendizagem de leitura e escrita, de se expressarem oralmente e expor o seu pensamento crítico (professora de artes, 2019).

No entanto, as duas docentes indagaram algo interessante em que acontece bastante no público EJA, onde muitos não sabem ler, contudo, ingressam para o próximo ciclo, com grandes dificuldades em compreensão. Outro fator relevante abordado está relacionado a convivência dos jovens com os mais velhos, onde a professora de geografia aponta desenvolvimentos cognitivos diferenciados, ressaltando a falta de respeito apontada pela professora de artes por parte dos jovens com os mais idosos.

Para a pergunta “se a escola fornece materiais para ajuda-los a desenvolver suas aulas?” a resposta do professor de matemática e da professora de português foram semelhantes, onde relatam que a escola contribui com materiais como: lápis, quadro, apagador, folha de papel e xerox. Para a professora de geografia a instituição contribui apenas com o livro didático. Uma das respostas diferenciadas foi a da professora de artes, no qual a mesma declara que a escola não contribui com materiais, e ainda acrescenta “a escola não ver a EJA como uma modalidade que precisa de um olhar mais atencioso em relação a isso”.

Portanto, percebe-se que a escola não oferece tantos materiais propícios para os docentes trabalharem. Por outra ótica, excluem esse público, como a professora de geografia apontou em uma de nossas conversas, que não há planejamento bimestral para o corpo docente EJA. Porém, é notório que os profissionais que se disponibilizam a irem em busca de aprimorar suas aulas, se relacionando uns com outros e buscando informações entre si. Nesse contexto Silva (2010, p. 97) define os educadores da EJA como sendo:

[...]profissionais que, de maneira geral, não escondem ter muito a aprender e que admitem ter aprendido com situações cotidianas de sala de aula, no embate que estabelecem com alunos e nas conversas com colegas de trabalho sobre o dia-a-dia da docência. Nesse esforço, reconhecem que ser professor, principalmente na modalidade da educação de jovens e adultos, é uma tarefa difícil.

Nesse seguimento, em relação ao tempo de duração das aulas na EJA, quais os impactos gerados com a redução do tempo de aula? Ressaltando que cada aula na EJA dessa instituição tem duração de apenas 35 minutos. O professor de matemática relatou ser um tempo muito reduzido para a explicação do conteúdo e compreensão por parte do alunado. Para a professora de português “a falta de tempo para passar o conteúdo completo e, para a aplicação de provas, onde falta tempo para os alunos concluírem”.

Já para a professora de artes “na verdade prejudica muito, uma vez que, já se tem o tempo reduzido e, se interliga com a falta de colaboração dos alunos, resulta as vezes em aulas improdutivas”. Nesse contexto, a professora de geografia descreve que “a redução do período de aulas dificulta bastante o processo de ensino aprendizagem, se tornando mais um obstáculo para os professores”. Assim sendo, as respostas dos docentes foram sucintas e claras, onde os mesmos sofrem em relação ao tempo reduzido, causando desfalque em muitas aulas planejadas e prejudicando o alunado, visto que, poderiam adquirir mais conhecimento e aprendizado.

Em seguida, aponta se outra questão predominante na EJA, a evasão escolar, onde se indaga se é comum acontecer nessa escola? E na sua opinião, quais são os motivos que levam os alunos a abandonar os estudos? Todos os docentes respondem que sim, há uma grande evasão. Com relação aos motivos dos alunos abandonarem a escola, o professor de matemática aponta o trabalho como principal causa do abandono. Já a professora de português argumenta mais algumas causas, além do trabalho, como: casamento e viagens para outros estados.

A professora de geografia também abordou o trabalho com uma das causas, e ainda acrescentou a desmotivação dos alunos em estudar. Já a professora de artes enumerou diversos fatores onde a mesma descreve que “os motivos mais agravantes são por ter filhos menores em casa e não ter com quem deixar, entrar na vida conjugal na adolescência, engravidar, ciúmes entre casais por estudar a noite”. Por conseguinte, é verídico a predominância de diversos fatores que levam a jovens e adultos abandonarem os estudos e, um desses pontos apresentados é literalmente característica do alunado EJA, ou seja, o trabalho.

De outro ponto de vista, Gonçalves (2012, p. 31) aponta que “acreditamos assim, que a categoria trabalho pode se transformar numa excelente chave de aprendizagem, pois seu conceito faz sentido para os alunos da EJA”, todavia, a mesma argumenta que os professores poderiam aproveitar essa questão e poder inserir em suas aulas. No entanto, a autora relata que uma de suas aulas empenha-se em fazer a inserção do nome trabalho. Nesse viés, apresenta imagens ligadas ao trabalho, sendo que, os alunos teriam que expressar a importância para sua vida. Nessa perspectiva, saíram muitas respostas conforme o que fora mostrado, desde muitos sentimentos de dor, cansaço, fadiga e suor no rosto (GONÇALVES, 2012).

Por outro lado, aborda-se a última questão direcionada aos docentes, no qual fora: Você consegue desenvolver suas aulas com facilidades na EJA? Justifique. O

ponto de vista do professor de matemática foi que o mesmo consegue desenvolver com facilidade, e ainda concluiu que “me adapto ao curto espaço de tempo para a disciplina, visando a qualidade e não a quantidade”. Para a professora de português “as vezes, porque vai depender do conteúdo, sendo alguns fáceis de desenvolver e outros mais complicados”.

A professora de geografia alega conseguir desenvolver com facilidade, mas, nem sempre o que se está planejado funciona totalmente, porém, na maioria das vezes as aulas fluem. A professora de artes respondeu apenas que sim, não dando justificativa de sua colocação. Deste modo, apesar de ser um público EJA entende-se que os docentes como um todo, conseguem prosperar em suas aulas nessas turmas, além da predominância de dificuldade que existe. Contudo, ressalta-se o que um dos docentes destacou ser importante, visar não a quantidade, mas a qualidade.

Nesse âmbito, ligada a vivência escolar na EJA se complementa com as 4 questões direcionadas aos estudantes, onde enumera-se opções em cada uma delas. Contudo, uma das questões indaga, qual o motivo de estarem estudando hoje na EJA? Onde, 5 dos estudantes visam apenas concluir o ensino fundamental e médio e 4 deles apontaram que desejam obter uma oportunidade de emprego melhor. Assim sendo, salienta-se que muitas vezes os indivíduos da EJA são enxergados pela população como pessoas que não estudaram e, são considerados muitas vezes desqualificados, por isso, muitos optam em estudar novamente para conseguir um emprego melhor. Nessa perspectiva destaca-se que:

[...]os sujeitos da EJA são vítimas de um ciclo vicioso de exclusão: frequentemente são acusados pela sociedade de que tem trabalho ou têm salário menor porque não estudaram[...]os sujeitos, da EJA, de modo geral, são também vítimas do trabalho precário da instabilidade e dos baixos salários (GONÇALVES, 2012, p. 31).

A próxima questão se associa a quais os motivos para ter abandonado os estudos? Diante da indagação é nítida as distintas respostas, onde 4 dos alunos responderam a necessidade de trabalhar para ajudar a família, 3 destacaram o casamento como um dos motivos, e a falta de oportunidade, em contrapartida os outros 2 abordaram que não gostavam de ir à escola por preguiça. Nesse viés, conforme as respostas, o principal motivo ainda dos alunos abandonarem os estudos é o trabalho, tendo sido apontado pelo os docentes em outro parágrafo acima.

No entanto, a outra pergunta se direciona a visão dos estudantes em relação a todas as aulas da EJA? Entretanto, a maioria das respostas dos discentes destacam ser aulas boas e legais e compreensíveis para vivência. Porém, 2 alunos responderam que são aulas cansativas e dá sono. Se direcionando a ótica dos alunos percebe-se que os docentes estão trabalhando muito bem e conseguindo assim, o olhar desse público para as aulas.

A última pergunta se liga ao modo de avaliação aplicado pelos os professores, no qual, 5 dos alunos as consideram difíceis, por não terem tempo de estudar para as provas. Todavia, muitas vezes os alunos da EJA querem praticamente a resposta pronta, ressalta-se as diversas conversas que tive com os docentes dessa modalidade, e as experiências de estágio. Sendo nítido que os mesmos não trabalham com provas e suas avaliações são analisadas minuciosamente para não prejudicar nenhum aluno. Porém, os outros 4 estudantes, respondem de acordo com a verdadeira realidade da EJA nessa escola, onde as atividades são fáceis e compreensíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que o mundo mudou e continuará em processo de transformação, obtendo, inovações tecnológicas, mais informações, e a comunicação se ampliará. No entanto, o ensino de geografia na visão de muitos autores é uma disciplina capaz de mostrar a realidade do mundo moderno, ou melhor, as mudanças que acontecem nesse cenário contemporâneo, e também abordar sobre a compreensão da cidadania e a interligação com o cotidiano do alunado. Dessa forma, cabe a escola e aos docentes se adaptarem a essa realidade.

Portanto, o ensino-aprendizagem de geografia da EJA na Escola Presidente José Sarney corresponde ao ritmo tradicional, percebe-se que a docente trabalha bastante com o livro didático, tornando aulas cansativas, contendo muitos textos. No entanto, nos argumentos abordados sobre o público EJA sabe-se que são pessoas que gostam de algo que chamem sua atenção, principalmente por trabalharem geralmente o dia inteiro e, sendo aulas com muita leitura e textos para escrever, torna-se esgotante. Identificou-se em suas respostas como sendo aulas muito vagas sem tanta compreensão, no qual não se nota a sua noção real sobre os assuntos da disciplina. Ou seja, ao analisar seus resultados não se presencia coerência, é como se os discentes não soubessem o que iriam escrever em cada item relacionado a geografia.

No entanto, o interesse dos alunos poderia surgir se a docente buscasse a interação com os mesmos, pois, talvez o desinteresse pela a geografia, possa estar relacionado ao modo de execução das aulas, ao modo como veem sua desenvoltura. Ou, pode estar ligado à sua falta de vontade de estudar.

Em vista dos argumentos observados a educação de jovens e adultos atualmente na Escola Presidente José Sarney, está estagnada, no qual percebe-se ser esquecida. Onde é nítida a falta de apoio que os docentes têm em executar seus planos de aula, não havendo planejamento por parte de coordenadores e, dessa forma, os professores quem vão em busca de um aprimoramento em suas aulas, no qual, a escola não oferta materiais propícios para execução de aulas mais interativas.

Todavia, apesar da escola ofertar Datashow os docentes não o utilizam, pelo o fato das aulas terem um tempo muito abreviado. E, indo em busca do recurso para trazê-lo a sala de aula, instalar e, em seguida colocar o filme ou outra coisa, não dará tempo de terminar, terá que passar mais ou menos três semanas para assistirem algo

longo. No entanto, essa é outra dificuldade dos docentes ligadas as aulas muito curtas e, ainda esperar que cada aluno chegue e sente-se. Sendo que, isso acontece geralmente porque os mesmos não chegam no horário correspondente, onde acontece um grande atraso todos os dias, e muitas vezes a aula encerra sem aproveitamento algum.

Outros obstáculos que a modalidade EJA sofre nessa instituição é a grande evasão, onde o número de alunos é muito pequeno, e, talvez próximo ano não se tenha modalidade EJA nessa escola por falta de estudantes. Portanto, a prefeitura e o estado poderiam buscar investir mais no ensino EJA, não apenas inserir toda a responsabilidade de os manterem em sala de aula apenas ao professor, que já está desmotivado por notar que os discentes não se concentram em nada, só pensam em ir embora para casa, ou seja, a pequena parte dos alunos que restam são desinteressados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana de. A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais. Educere XII Congresso Nacional De Educação. Rio de Janeiro, 2015, 1283-1299.

ANDRADE, Cristiane Maciel; COSTELLA, Roselane Zordan. O ensino por competência: o moto das reformas educacionais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Orgs). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: Editora Letral, 2016, p. 105-115.

ANDREIS, Adriana Maria. O individual e o coletivo: o lugar e o cotidiano num diálogo com as políticas públicas na educação. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015, p. 65-82.

BARBOSA, Maria Edivani Silva. **A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades**. Revista de ensino de geografia. Uberlândia, v. 7, n.12, Jan/Jun, 2016, p. 82-113.

BEZERRA, Maria Alice de Souza; GOMES, Emanuela Januario; SILVA, Carla Thaís Nunes da; SANTOS, Iann Dellano da Silva. O ensino de geografia na educação para jovens e adultos (EJA): a perspectiva dos estudantes de três escolas municipais do oeste baiano. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011, p. 1-19.

BRABANT, Jean-Michel. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.15-23.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. (BNCC) Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, v.25, n. 66, Campinas, Maio/Ago, 2005, p. 227-247.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Educar para a formação cidadã na escola. XIII Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona, Maio, 2014, p.1-17.

CALLAI, Helene Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 83-134.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A formação continuada mediada pelas pesquisas acadêmicas. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França;

SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015, p. 31-48.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Orgs). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 35-47.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Orgs). **Movimentos no ensinar geografia**: rompendo rotações. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais. Belo horizonte, 2010, p. 1-16.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**. ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org). **Educação geográfica**: teorias e práticas docentes. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 66-78.

CHALITA, Ana Lucia. Ensinando geografia através do lúdico: uma proposta de aprendizagem significativa. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. 1.ed. Rio de Janeiro: consequências, 2015, p. 143-169.

COSTA, Rita de Cássia Marques; MOREIRA, Cileya de Fátima Neves. **Fundamentos metodológicos e prática do ensino de geografia**. 1. ed. Sobral, 2016.

DARSKI, Renan. A alfabetização geográfica como um compromisso do pré-vestibular popular. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Orgs). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: editora lettral, 2016, p. 133-142.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A educação escolar e a geografia como possibilidades de formação para a cidadania. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí, n. 104, Jan./Abr, 2018, p. 264-290.

DUARTE, Conceição de Maria do Nascimento; MESQUITA, Josefa Lopes de; MADRUGA, Lorena de Paula de L; VIEIRA, Luciane Alves; NUNES, Isabel Arruda; CAVALCANTI, Maria do Socorro R; ALENCAR, Maria Luciene. In: SILVA, José Barbosa (Org). **Retratos na parede**: saberes docentes em educação de jovens e adultos. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura/texto Arte editora, 2004, p. 97-101.

FARIAS, Patrício. **Comparações entre EJA e ensino regular**. 2012. (Especialização em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FRISON, Marli Dallagnol; VIANNA, Jaqueline; CHAVES, Jéssica Mello; BERNARDI, Fernanda Naimann. Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais. Florianópolis, 2009, p. 1-13.

GONÇALVES, Rita de Cássia. Educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: editora, 2012, p. 28-61.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 14, Mai/Ago 2000 p. 108-194.

KAERCHER, Nestor André. De astronautas e extraterrestres: de partos e gregos... todos nós entendemos um pouco. em busca da geografia do já é! In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyezynski; TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Lígia Beatriz (Orgs). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 152-169.

KAERCHER, Nestor André. Geografando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 135-169.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e proposta**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Ivana Maria Medeiros. Construindo caminhos para amenizar a evasão no ensino noturno. In: SILVA, José Barbosa (Org). **Retratos na parede: saberes docentes em educação de jovens e adultos**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura/texto Arte editora, 2004, p. 41-48.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

NASCIMENTO, Juliana Peclat do; CRUZ, Nilza Joaquina Santiago da. O ensino de localização geográfica nos anos finais do ensino fundamental. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015, p. 183-200.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 135-144.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: ação educativa, 2001, p.15-43.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; KAERCHER, Nestor André. O jovem contemporâneo e a geografia escolar: tão perto e tão longe. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan

(Orgs). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: editora lettral, 2016, p. 117-132.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 3. ed. 2009, 383p.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff. **A Geografia na Educação de Jovens e Adultos trabalhadores em Mamanguape**: Percorso Histórico e Práticas atuais. Dissertação de Mestrado-UFPB. João Pessoa, 2011.

RAMOS, Roberto José. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Orgs). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: Editora Letral, 2016, p. 73-83.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Ação educativa, 2001, p. 224.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A mediação do conhecimento: a importância de se pensar o trabalho docente de geografia. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charllles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015, p. 11-29.

SANTOS, Maria de Fátima dos. **Poesias, vídeos e contos na EJA. Retratos na parede**: saberes docentes em educação de jovens e adultos. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura/texto Arte editora, 2004, p. 97-101.

SANTOS, Maria Francinelia Pinheiro dos; PINTO, Mario Victor; GALDINO, Vinicius Higino. O facebook no ensino de geografia. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charllles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Orgs). **Ensino de geografia**: produção do espaço e processos formativos. 1.ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015, p. 171-181.

SILVA, José Barbosa da. A multirreferencialidade na educação de jovens e adultos. In: DINIZ, Adriana Valéria Santos; SCOCUGLIA, Afonso Celso; PRESTES, Emília Trindade (Orgs). **A aprendizagem ao longo da vida e a educação de jovens e adultos**: possibilidades e contribuições ao debate. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, p. 93-112.

SILVA, Maria José Sousa. **Ensino de geografia na educação de jovens e adultos**: dificuldades e propostas. 2014. 39f. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA; Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUSA, Gilvan dos Santos; BRITO FILHO, Antonio Inácio; BARRETO, Denise Aparecida Brito; SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Reflexões sobre a educação de jovens e adultos, a BNCC e a necessidade de construção curricular. Seminário Geopraxis, v. 6, n. 6, Bahia, 2017, 3981-3993.

SOUZA, José Arilson Xavier de; ASSIS, Lenilton Francisco de. A inserção transversal do turismo nas aulas de geografia do ensino médio. **Caminhos de geografia**. Uberlândia, v. 8, n. 21, 2007, p. 9-17.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**. 2018, p. 175-195.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 38, 2010, p.49-59.

TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. A diferença como possibilidade de discutir a desigualdade e combater preconceitos: a geografia que faz a diferença. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Orgs). **Movimentos no ensinar geografia: rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 55-71.

TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. Ser educador (a): o desejo e a incompletude de sê-lo nos acompanham e nos fazem mover para onde e com quem você se move educador (a)? In: GIORDANI, Ana Claudia Cravalho; FERREIRA, Debora Schardosini; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (Orgs). **O ensino da geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 7-15.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Viver, aprender: uma experiência de produção de materiais didáticos para jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de letras; São Paulo: Ação educativa, 2001, p. 125-135.

APÊNDICE – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO - O objetivo deste questionário, é primeiramente buscar expor a visão de todos os docentes que atuam na educação de jovens e adultos (EJA), da Escola Presidente José Sarney, em seguida retratar o ponto de vista da disciplina geográfica pelo o professor de geografia da instituição. E por último relatar as percepções dos alunos da EJA em sua vivência escolar e, mostrar suas perspectivas relacionadas ao ensino de geografia.

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES

1-Qual a sua formação? _____

2-Quantos turnos você trabalha nessa escola? _____

3-Você gosta de trabalhar na educação de jovens e adultos? _____

4-Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades apresentadas nos alunos da EJA? _____

5-A escola fornece materiais para ajuda-los a desenvolver suas aulas? Justifique.

6-Em relação ao tempo de duração das aulas da EJA, quais os impactos gerados com a redução do tempo de aula? _____

7-Sobre a evasão escolar, é comum acontecer na escola? Na sua opinião quais são os motivos que levam os alunos a abandonar os estudos? _____

8-Você consegue desenvolver suas aulas com facilidade na EJA? Justifique.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO - O objetivo deste questionário, é primeiramente buscar expor a visão de todos os docentes que atuam na educação de jovens e adultos (EJA), da Escola Presidente José Sarney, em seguida retratar o ponto de vista da disciplina geográfica pelo o professor de geografia da instituição. E por último relatar as percepções dos alunos da EJA em sua vivência escolar e, mostrar suas perspectivas relacionadas ao ensino de geografia.

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

1-Qual a sua formação? _____

2-Qual o papel da geografia na escola? _____

3-Em suas aulas você consegue trazer o aluno da EJA para realidade em que eles vivem? _____

4-Em sua graduação você teve algum componente que abordasse a EJA? Justifique. _____

5-Qual a metodologia e que material você utiliza nas aulas de geografia? Explique.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO - O objetivo deste questionário, é primeiramente buscar expor a visão de todos os docentes que atuam na educação de jovens e adultos (EJA), da Escola Presidente José Sarney, em seguida retratar o ponto de vista da disciplina geográfica pelo o professor de geografia da instituição. E por último relatar as percepções dos alunos da EJA em sua vivência escolar e, mostrar suas perspectivas relacionadas ao ensino de geografia.

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS

Idade: _____ sexo: () feminino () masculino

1-Quais são as suas maiores dificuldades em entender os conteúdos de geografia?

2-Você gosta das aulas de geografia? Porquê? _____

3-Os conteúdos apresentados pelo o professor (a) de geografia está fazendo você se aproximar do lugar onde vive?

4-O que a professora de geografia poderia fazer para melhorar suas aulas?

5-Quando se fala em geografia, o que te faz lembrar?

6-Você acha a disciplina de geografia importante? Porque?

7-Qual o motivo de estarem estudando hoje na EJA?

- | | |
|--|--|
| () Em buscar de uma oportunidade de emprego melhor. | () Não tinha o que fazer e resolveu voltar a estudar. |
| () Só pra concluir o ensino fundamental e médio. | () Fazer faculdade futuramente e ter uma formação. |
| () Outro. Qual? _____ | |

8-Quais foram os motivos para ter abandonado os estudos?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Casamento. | <input type="checkbox"/> Dificuldade em aprender. |
| <input type="checkbox"/> Enfado do trabalho. | <input type="checkbox"/> Preguiça. |
| <input type="checkbox"/> Outro. Cite: _____ | <input type="checkbox"/> Necessidade de trabalhar, para ajudar a família. |
- _____

9-Como você caracteriza as aulas na EJA?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> São interessantes e importantes para vivência. | <input type="checkbox"/> As aulas são cansativas e dá sono. |
| <input type="checkbox"/> As disciplinas são bem legais, e seus conteúdos chamam atenção. | <input type="checkbox"/> Chatas e sem importância. |
| <input type="checkbox"/> Outro. Cite: _____ | |
- _____

10-Como você caracteriza o modo de avaliação aplicado pelos seus professores?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Causam nervosismo, e incentivam a desistência da escola. | <input type="checkbox"/> As atividades são fáceis e compreensíveis. |
| <input type="checkbox"/> Outro. Cite: _____ | <input type="checkbox"/> São difíceis, por não termos tempo de estudar para as provas. |
- _____